



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E
CONTABILIDADE
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

JOSÉ ROBERTO SEVERIANO GOMES JÚNIOR

UMA AVALIAÇÃO COMPARATIVA DA COMPETITIVIDADE DA
INDÚSTRIA TÊXTIL E VESTUÁRIO DE BRASIL, CHINA E ÍNDIA

FORTALEZA

2015

JOSÉ ROBERTO SEVERIANO GOMES JÚNIOR

UMA AVALIAÇÃO COMPARATIVA DA COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA
TÊXTIL E VESTUÁRIO DE BRASIL, CHINA E ÍNDIA

Monografia apresentada à Faculdade de
Economia, Administração, Atuária e
Contabilidade como requisito parcial para
obtenção do bacharelado em Administração
de Empresas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mônica Cavalcanti Sá
de Abreu

FORTALEZA

2015

JOSÉ ROBERTO SEVERIANO GOMES JÚNIOR

UMA AVALIAÇÃO COMPARATIVA DA COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA
TÊXTIL E DE VESTUÁRIO NO BRASIL, NA CHINA E NA ÍNDIA

Monografia apresentada à Faculdade de
Economia, Administração, Atuária e
Contabilidade como requisito parcial para
obtenção do bacharelado em Administração
de Empresas

Aprovado em: 22/03/2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Mônica Cavalcanti Sá de Abreu (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Livre Docente Francisco de Assis Soares
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr^a Sandra Maria dos Santos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus, aos meus pais, Roberto e Marta,
e a meu grande amor, Ana Karina.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Dr^a Mônica Cavalcanti Sá de Abreu pela excelente orientação desde dos tempos de bolsista no Laboratório de Estudos em Competitividade e Sustentabilidade (LECoS). Sua contribuição à minha formação acadêmica foi muito preciosa.

Aos professores participantes da banca examinadora Francisco de Assis Soares e Sandra Maria dos Santos pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos meus colegas de Centro Acadêmico, de Alfa&Ômega e de LECoS que agregaram tanto valor à vivência universitária que tive.

Aos meus amigos Andressa Menezes, Brunna Ferreira, Gabriel Bonadies, Guilherme Sorensen, João Hugo, Joemy Palhano, Lucas Rodrigues e Tereza Raquel. Certamente esses anos vividos na FEEAC não teriam sido tão bons e prazerosos sem a convivências com eles.

A Ana Karina, com quem divide esse sonho desde o começo e com quem dividirei todos os demais.

Aos meus pais e familiares que me apoiaram cada segundo com tudo o que eram e tinham.

E, por fim, a Deus pela saúde, força, coragem e capacidade de enfrentar e vencer cada um dos muitos desafios que me foram propostos nesta caminhada. Deus é muito bom. Eu o amo.

“Não andeis ansiosos por coisa alguma, antes em tudo sejam os vossos pedidos conhecidos diante de Deus pela oração e súplica com ações de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus.” Carta de Paulo aos Filipenses, versículos 6 e 7.

RESUMO

A indústria têxtil e vestuário tem um importante papel na economia mundial, sendo um setor estratégico para países em pleno desenvolvimento econômico. Brasil, China e Índia figuram entre os principais produtores mundiais do ramo, estando, entretanto, em lados distintos na competição pelo mercado mundial do setor. O objetivo do trabalho é identificar os aspectos macroeconômicos que afetam a competitividade da indústria T&V no Brasil através de uma comparação com China e Índia. Para tal, utiliza-se o Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrico e os 12 pilares descritos no Índice da Competitividade Global. O período temporal destacado é de 1994 a 2013, abrangendo a vigência do Acordo de Têxteis e Vestuário e o período liberalização econômica do setor. Os resultados mostram que a China e Índia são mais competitivas em termos micro e macroeconômicos e que o Brasil não é competitivo. Concluiu-se que as questões macroeconômicas que mais afetam o setor são Instituições, Infraestrutura, Estabilidade Macroeconômica, Saúde e Educação Primária e Eficiência do Mercado de Trabalho.

Palavras-chave: Indústria Têxtil e Vestuário. Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrico. Índice da Competitividade Global.

ABSTRACT

The textile and clothing industry plays an important role in the world economy, being a strategic sector for economic development countries. Brazil, China and India are among the world's leading producers in the industry, being, however, on different sides in the competition for global market sector. The objective is to identify the macroeconomic aspects that affect the competitiveness of the T & C industry in Brazil through a comparison with China and India. Thereunto, it uses the Revealed Symmetric Comparative Advantage and 12 pillars described in the Global Competitiveness Index. The highlighted period is from 1994 to 2013, covering the term of the Agreement on Textiles and Clothing and the period economic liberalization of the sector. The results show that China and India are more competitive in micro and macroeconomic terms and that Brazil is not competitive. It concluded that the macroeconomic issues that most affect the sector are Institutions, Infrastructure, Macroeconomic Stability, Health and Primary Education and Labour Market Efficiency.

Keywords: Textile and Clothing Industry. Revealed Symmetric Comparative Advantage. Global Competitiveness Index.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Estrutura da cadeia produtiva têxtil	17
Figura 2	- Intervalos dos índices propostos por Balassa e Laursen	24
Figura 3	- Subgrupos do Índice Competitividade Global	29
Figura 4	- Liderança de cada país em pilar a partir da média 2007-2013 dos 12 pilares da competitividade	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	- Consumo mundial de fibras têxteis em milhões de toneladas ao longo do século XX e início do século XXI	16
Gráfico 2	- Parcela de participação entre têxtil e vestuário em cada país estudado relativo as exportações do ano de 2013 (OMC)	37
Gráfico 3	- IVCRS anual da exportações de têxteis de Brasil, China e Índia	41
Gráfico 4	- IVCRS anual das exportações de vestuário de Brasil, China e Índia ...	41
Gráfico 5	- Saldo comercial de têxtil de Brasil, China e Índia em 3 períodos	42
Gráfico 6	- Saldo comercial de vestuário de Brasil, China e Índia em 3 períodos .	43
Gráfico 7	- Valores das importações e exportações brasileiras de têxtil em US\$...	44
Gráfico 8	- Valores das importações e exportações brasileiras de vestuário em US\$	44
Gráfico 9	- Média de Brasil, China e Índia de 2007 a 2013 nos 12 pilares	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Pesos para os sub índices e limiares de renda para estágios do desenvolvimento	30
Tabela 2	- <i>Global Players</i> - Principais exportadores de têxteis no ano de 2013 mais o Brasil em valores de US\$	34
Tabela 3	- <i>Global Players</i> - Principais exportadores de vestuário no ano de 2013 mais o Brasil em valores de US\$	35
Tabela 4	- Principais produtores mundiais de têxteis e de vestuário no ano de 2010	36
Tabela 5	- Participação anual de Brasil, China e Índia no comércio total mundial e na indústria de têxtil e vestuário no período analisado em valores	38
Tabela 6	- Composição de pauta das exportações dos países estudados em 3 períodos com a média de valores de exportação em US\$	39
Tabela 7	<i>Ranking</i> Brasil-China-Índia no Índice Global da Competitividade 2007 – 2013	45

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	REFERENCIAL TEÓRICO	16
2.1	A Indústria Têxtil e Vestuário	16
2.1.1	<i>Etapas da Cadeia Têxtil</i>	16
2.1.2	<i>A configuração global do setor</i>	18
2.1.2.1	<i>Acordo de Têxteis e Vestuário</i>	20
2.2	Índices de competitividade	21
2.2.1	<i>Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrico</i>	22
2.2.2	<i>Índice da Competitividade Global</i>	25
3	METODOLOGIA	32
3.1	Base de dados	32
3.2	Tratamento dos dados	33
4	RESULTADOS	34
4.1	Panorama da indústria têxtil e vestuário no mundo	34
4.2	IVCRS de Brasil, China e Índia	41
4.3	ICG: os 12 pilares da competitividade	45
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

1 INTRODUÇÃO

A Cadeia Produtiva Têxtil é composta por várias etapas que são interdependentes. Desta forma, o produto da etapa anterior se torna na matéria prima da etapa seguinte. Embora esses segmentos da cadeia sejam autônomos, é fundamental que haja uma boa integração entre eles para que a demanda do mercado seja atendida de maneira eficiente e satisfatória.

As fibras têxteis são o insumo inicial de toda a cadeia e são obtidas a partir de duas frentes: a produção de fibras naturais e o desenvolvimento de fibras químicas. No elo têxtil, a primeira transformação é o processo de fiação, o segundo é a transformação dos fios em tecidos planos e malhas, que embora sejam similares contêm características e funcionalidades diferentes. Estes passam por um terceiro processo, o acabamento e beneficiamento, e, por fim, serão utilizados na confecção dos artigos têxteis (COSTA E ROCHA, 2009).

Quando se destaca a matéria prima inicial de toda a cadeia, dois outros setores entram como parcerias estratégicas no apoio ao desenvolvimento do setor têxtil: o agronegócio e a indústria química. Dependendo do ambiente e localização no qual um indústria está inserida, ela pode ser mais forte no trabalho com fibras naturais do que com que as fibras químicas, assim como o contrário.

Expandindo o conceito de influência e apoio entre indústrias, observa-se a grande influência que um ambiente macroeconômico tem para que haja sucesso em um determinado setor. Embora, quem de fato concorra pelos mercados sejam as empresas, a correta compreensão do papel que os países tem no mundo empresarial permite entender melhor a competição internacional no setor.

Desta forma, no presente trabalho, a indústria têxtil e confecção brasileira é estudada juntamente de dois dos principais países no setor: China e Índia, que devido a suas proximidades econômicas com o Brasil, permitem compreender melhor os fatores que têm influenciado o desempenho da indústrias têxtil e confecção brasileira. Devido as similaridades entre suas economias, estes três países integram uma classificação internacional econômica chamada de BRIC – Brasil, Rússia, China e Índia.

O entendimento do ambiente macroeconômico que favorece as indústrias nacionais a atuarem no comércio mundial de têxteis de forma competitiva é subsídio para

tomada de decisões estratégicas. Tal compreensão é importante para os demais países que, assim como o Brasil, têm atuado no setor e que pretendem melhorar o seu desempenho no comércio exterior, embora a tendência com a globalização seja que os países primeiramente concorram pelo mercado doméstico.

A competitividade brasileira na indústria em questão frente ao comércio mundial, principalmente com relação à China e Índia, é o tema abordado neste estudo. Procura-se identificar a competitividade do país e subsidiar o Estado Brasileiro e as empresas no ramo para uma reflexão das diretrizes que têm norteado a indústria têxtil e confecção no mundo para que se posicionem competitivamente.

Na busca pela mensuração da ideia de competitividade, vários autores desenvolveram métodos que buscam precisar essa questão. Em 1965, Balassa publicou um trabalho desenvolvendo um índice onde a vantagem competitiva pode ser mensurada a partir do nível de especialização que determinado país ou região tem em determinada mercadoria. O pressuposto é que quando um país é mais especializado na exportação de um determinado bem *i* do que o mundo, esse país é competitivo no comércio mundial desse bem em relação a maior parte dos demais países (LAURSEN, 1998).

Leamer e Stern (1970) partem do pressuposto que um país tende a manter a sua parcela de participação no comércio mundial no decorrer do tempo. No seu trabalho, se utiliza o índice de competitividade *Constant-Market-Share*, proposto por Tyszynski em 1951. Neste índice, a variação na participação das exportações de um país ao longo do tempo é explicada por quatro efeitos: a influência do crescimento do comércio mundial, a pauta de exportações do país, as regiões para as quais as exportações desses países estão direcionadas e um resíduo não explicado atribuído à competitividade.

Segundo o Fórum Econômico Mundial em seu Relatório da Competitividade Global 2012-2013, a competitividade consiste principalmente na capacidade de uma economia em manter-se em um crescimento sustentável. Tal crescimento se daria a partir de doze fatores que contribuiriam para tal. Estes são chamados de 12 pilares da competitividade que compõem o Índice da Competitividade Global (ICG). Seriam eles: Instituições, Infraestrutura, Ambiente Macroeconômico, Saúde e Educação Primária, Formação e Educação Superior, Eficiência do Mercado de bens, Eficiência do Mercado de trabalho, Desenvolvimento do Mercado Financeiro, Prontidão Tecnológica, Tamanho de Mercado, Sofisticação de negócios e, por último, Inovação (SCHWAB, 2012).

De acordo com Vasconcelos e Cyrino (2000), as teorias das estratégias empresariais que tratam da questão da vantagem competitiva podem ser divididas em dois grupos. O primeiro considera a vantagem competitiva como um atributo de posicionamento exterior a firma, portanto, sendo decorrente da estrutura da indústria, da dinâmica da concorrência e do mercado. O segundo considera a performance superior como algo resultante principalmente de características internas à organização.

Afim de estudo e análise, no presente trabalho, haverá uma divisão da cadeia têxtil em duas partes: a indústria têxtil e o vestuário. No comércio, a indústria têxtil compreende a venda e compra das fibras, fios, tecidos planos e malhas. No comércio de vestuário, se compreende o artigo têxtil que são três: artigos para o lar (cama, mesa e banho), artigos de vestuário e artigos de usos técnicos, usados em indústrias.

Diante desse tema, a questão norteadora do trabalho é: quais são os fatores do ambiente macroeconômico que afetam a competitividade da indústria têxtil e vestuário brasileira no comércio internacional?

Neste estudo de caso, tem-se as seguintes hipóteses: a) o Brasil não é competitivo no comércio internacional da indústria têxtil e vestuário; b) o Brasil tem perdido gradualmente importância no comércio mundial do setor têxtil.

O objetivo geral é identificar a competitividade do Brasil na indústria têxtil e vestuário. Os objetivos específicos são: 1) identificar a competitividade brasileira, chinesa e indiana no setor têxtil. 2) Identificar a competitividade de Brasil, China e Índia no ambiente macroeconômico. 3) Relacionar os aspectos macroeconômicos que mais influenciam o desempenho na indústria têxtil e vestuário.

O presente trabalho se subdivide em cinco partes: primeiro esta introdução que dá uma visão geral do trabalho, contextualizando-o. Segundo tem-se o referencial teórico que se aprofunda acerca dos temas aqui abordados dando base científica para um entendimento mais completo do assunto. A seguir, apresenta-se a metodologia aplicada com a qual mensurou-se o posicionamento competitivo brasileiro no setor. Em uma quarta seção, tem-se os resultados encontrados e um paralelo com o referencial teórico. E por fim, tem-se as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

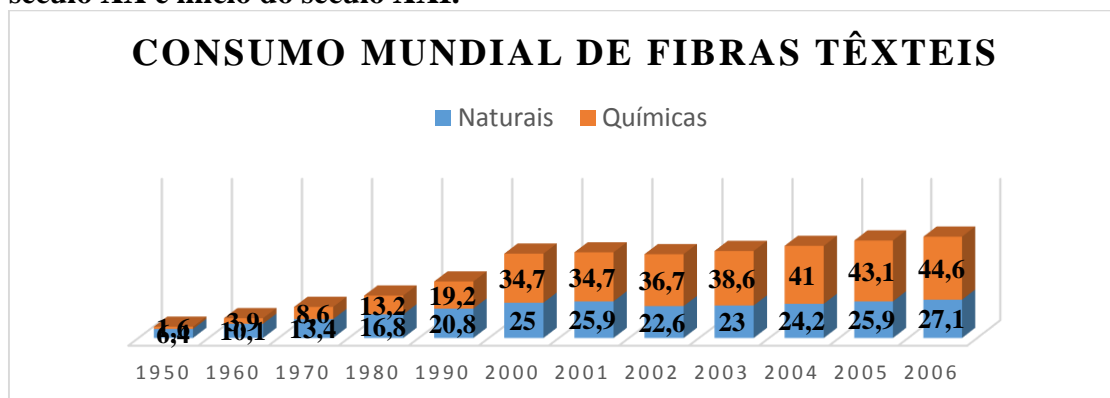
2.1 A indústria Têxtil e Vestuário

Segundo Costa e Rocha (2009), a cadeia têxtil é compreendida desde a obtenção das fibras têxteis que passam pelo processo de fiação. Os tecidos planos e as malhas são o produto deste primeiro processo e são levados ao acabamento e beneficiamento das peças. O fim da cadeia é a confecção da linha lar, vestuário e usos técnicos. Esses segmentos da indústria são autônomos mas uma boa integração entre eles é fundamental para o sucesso de toda cadeia, visto que o produto final de cada segmento se constitui na matéria prima da etapa posterior.

2.1.1 Etapas da Cadeia Têxtil

De acordo com Costa e Rocha (2009), a matéria prima inicial de toda a cadeia têxtil são as fibras que podem ser classificadas em dois tipos: naturais e químicas, estas também chamadas de manufaturadas. As fibras naturais eram mais tradicionais no século XX e a cadeia têxtil era abastecida principalmente por elas. Contudo, a relação do consumo dessas fibras sofreu uma inversão nas últimas décadas: as químicas ganharam gradualmente espaço na cadeia têxtil passando a ser o principal tipo de fibra utilizada, conforme apresentado no gráfico 1.

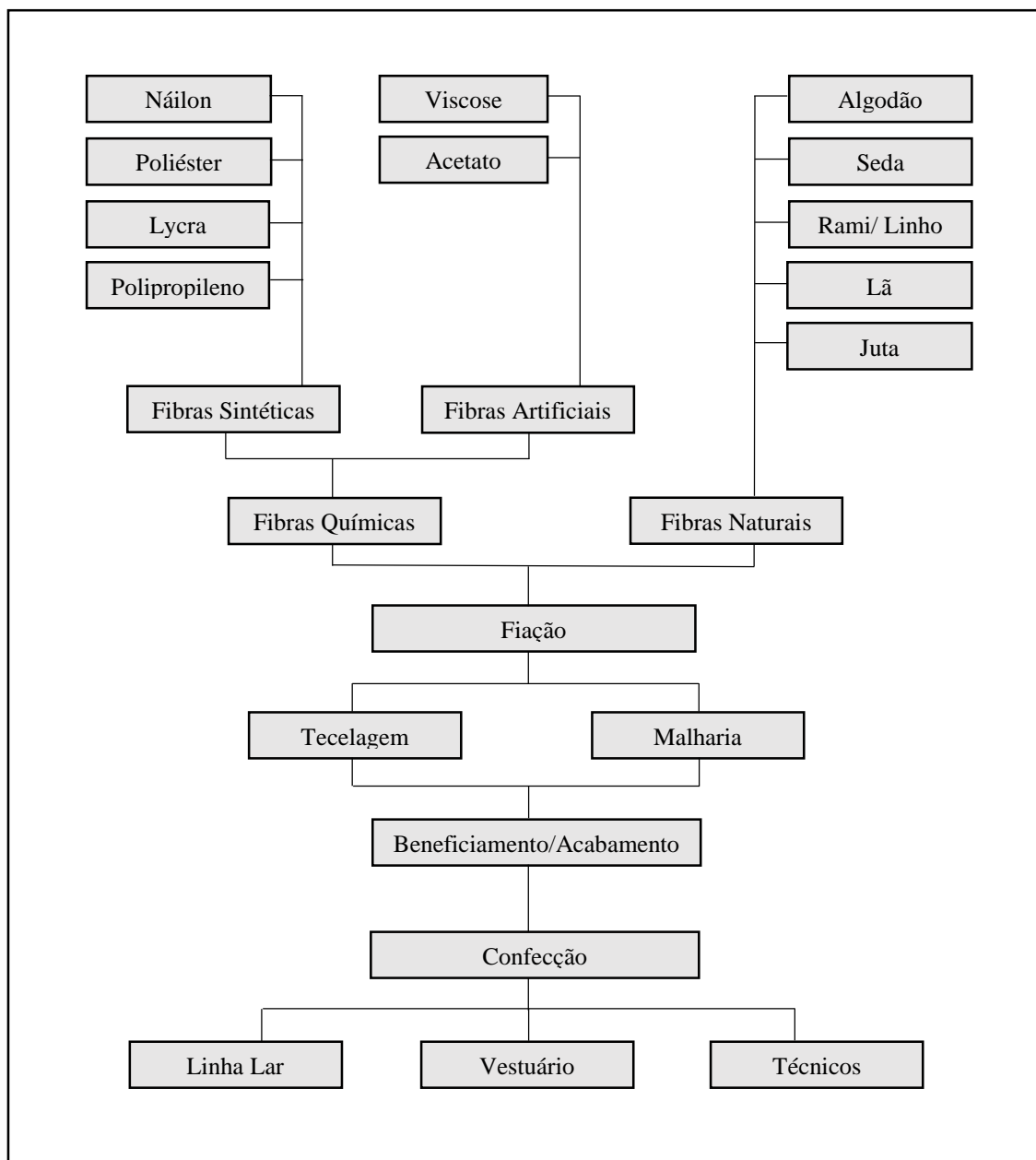
Gráfico 1: Consumo mundial de fibras têxteis em milhões de toneladas ao longo do século XX e início do século XXI.



Fonte: Costa e Rocha (2009), p. 164.

Na figura 1, apresenta-se a forma de integração entre todos os componentes da cadeia. A sua estrutura se inicia nos diferentes tipos de fios e termina no processo de confecção de diferentes artigos têxteis.

Figura 1: Estrutura da cadeia produtiva têxtil.



Fonte: adaptado de Costa e Rocha (2009), pág. 163.

Segundo Moreira *et al* (2012), as fibras químicas são mais fáceis de produzir e demandam menores custos do que as naturais. Tal fato pode explicar o maior aumento da comercialização deste tipo de fibra que surge com o importante papel de suprir a

demanda mundial que cresceu com o aumento populacional nas últimas décadas. Portanto observa-se a interface da indústria têxtil com a indústria química, que fornece tanto o desenvolvimento das fibras químicas como o envolvimento nos outros elos da cadeia têxtil, e a interface com o agronegócio, que fornece as fibras naturais.

Moreira *et al* (2012) salienta como existe uma tendência de serem incorporados funcionalidades às fibras têxteis, tais como gestão da umidade, isolantes térmicos, proteção de raios solares e proteção antibacteriana. No ambiente dinâmico e competitivo no qual as organizações atuam, a incorporação dessas funcionalidades aos tecidos são tidas como uma opção de estratégias. Portanto, sendo o primeiro processo, a fiação das fibras é fundamental na incorporação de avanços funcionais ao vestuário. O desenvolvimento de novas fibras fomenta a indústria têxtil e vestuário para competição em inovação e diferenciação.

O segundo processo é o de Tecelagem Plana e Malharia. O que difere estes entre si é a forma como se faz a utilização dos fios. No primeiro, os fios são dispostos lado a lado no sentido longitudinal e entrelaçados por fios inseridos no sentido transversal. No segundo, utiliza-se um único conjunto de fios ligados através de laçadas o que, ao final, lhe confere elasticidade e flexibilidade não encontrados no tecido plano (OLIVEIRA E MEDEIROS, 2006). Por suas características, o processo de malharia é mais simples e as máquinas mais produtivas se comparados ao do tecido plano. Na confecção existe demanda por estes dois tipos de tecidos.

O terceiro e último processo é o de confecção. De toda a cadeia, esta etapa é a mais intensiva em mão-de-obra tendo maior variedade de produto e processos. Ela é formada em sua maior parte por empresas de pequeno porte e informais. Por sua característica empregadora entre todos os elos da cadeia produtiva, a confecção é onde o gasto de capital por posto de trabalho é menor. Por ser a parte final da cadeia e ter mais contato com o consumidor final, este setor é muito importante na percepção das tendências do mercado com relação ao produto, e por sua comunicação ao restante da cadeia (ANTERO, 2006).

2.1.2 A configuração global do setor

A indústria têxtil e de confecção é tradicional no continente europeu e norte americano, mas ela passou por uma grande mudança no final do século XX. Ao observar o aumento do poder competitivo dos países asiáticos, os países europeus passaram a

competir em um novo padrão de concorrência: qualidade, diferenciação e inovação. Tal fato abriu a concorrência no setor em dois posicionamentos: indústria intensiva em mão-de-obra, cuja concorrência se dava em torno dos custos, e indústria intensiva em capital, concorrendo em diferenciação e inovação. (GORINI, 2000).

Costa e Rocha (2009) ressalta que a tendência é o crescente deslocamento da parcela de produção de artigos têxteis e confecção de menor valor agregado para países emergentes da Ásia, Leste Europeu, Norte da África e Caribe buscando principalmente menores custos na mão-de-obra. Países mais desenvolvidos se orientam cada vez mais para as etapas de maior valor agregado na cadeia como design, marketing e ganhos na organização da produção. Tal orientação encontra espaço em um mercado onde o consumidor está em busca de marcas, diferenciação e novos significados no ato do consumo.

Contudo, essa configuração global do setor é um fenômeno bem recente se comparado a todo o seu histórico. O comércio da indústria têxtil tem como característica fundamental ao longo da sua história ser um dos mais afetados por medidas restritivas. Mendonça *et al* (2013) salienta como em 1950 já era uma prática comum as nações tomarem medidas controladoras afim de protegerem seus mercados nessa indústria, principalmente através de acordos. Durante esse período, os países desenvolvidos lideravam o comércio mundial no setor tanto na indústria têxtil como no vestuário.

Mendonça *et al* (2013) afirma que uma das principais características do setor têxtil e vestuário que levou os países desenvolvidos a buscarem medidas visando proteger as indústrias nacionais da concorrência externa é sua demanda por volumes relativamente pequenos de investimentos atrelada ao seu importante papel social: a geração de emprego para grande parte da população não-qualificada.

Em 1974, entra em vigor o Acordo Multifibras (AMF) que representa bem a postura protecionista dos países desenvolvidos à crescente participação dos países em desenvolvimento no comércio do setor, principalmente aos asiáticos (CAMPOS, 1993). Esse acordo foi um dos raros casos onde o comércio internacional passou por uma regulamentação global em produtos manufaturados.

Muitos países participaram desse acordo que regulamentou o comércio internacional a partir do estabelecimento de cotas de importação. Como resultado disso, os principais mercados mundiais de têxtil e vestuário, o norte-americano e europeu, passaram a ser abastecidos por mais de 50 países de economia em desenvolvimento. Isto

se deu porque as cotas deram espaço no comércio mundial aos países menores (GEREFFI, 2005).

Segundo Campos (1993), essas restrições minimizaram mas não pararam o avanços dos países em desenvolvimento no setor. A limitação, principalmente do comércio das fibras de algodão, abriu espaço para a expansão do comércio de fibras químicas. Ao mesmo tempo, enquanto se focava em barrar principalmente o Japão, outros fornecedores foram se estabelecendo no mercado mundial, como China, Hong Kong e Coréia do Sul.

2.1.2.1 Acordo de Têxteis e Vestuário

Com o recente fenômeno da globalização, o último grande acordo do setor visava a eliminação gradual de todas as barreiras comerciais, tanto tarifárias quanto não-tarifárias, no período de 1994 a 2005 (BRUNO, 2007). Este acordo seria então um regime de caráter transitório, pois a partir de 2005 ocorreria a completa liberalização econômica dos artigos têxteis e vestuário, o que fomentaria o comércio mundial. Após o ATV, os produtos do setor seriam plenamente incorporados às regras de comércio da recém criada Organização Mundial do Comércio (OMC).

Tanto o ATV, quanto a OMC, foram frutos da última rodada do extinto *General Agreement on Tariffs and Trade*: a rodada do Uruguai. Esta teve duração de oito anos (1986/1993). A principal mudança do GATT, criado em 1947, para a OMC, criada em 1995, seria a intermediação da mudança de postura comercial defensiva dos países desenvolvidos, assumindo uma postura proativa em relação ao comércio mundial (RÊGO, 1996).

O ATV acabou sendo uma adaptação do antigo AMF. Na sua liberalização gradual, os países signatários estavam obrigados a diminuir as cotas previamente estabelecidas primeiramente no ano de 1995. Posteriormente no ano de 1998 e 2002. E por fim, liberar o comércio pleno a partir de Janeiro de 2005. Era de se esperar que ao término do ATV, ocorresse o aumento das importações, a diminuição dos preços e o decréscimo da produção doméstica (MENDONÇA *et al*, 2013).

De acordo com Mendonça *et al* (2013), os países tiveram meios pelos quais poderiam retardar os efeitos da abertura comercial. Primeiro, de toda parte liberada no setor, até 2002 só seriam liberados 34%, e a partir de então os 66% restantes. Segundo, foi permitido que os itens liberados inicialmente fossem apenas os de menor valor

agregado, menos sofisticados e de custos menores. O que deixaria os produtos mais sensíveis à competição por último.

Gereffi (2005) discute o receio de muitos países em desenvolvimento com a abertura comercial na qual culminava o ATV. Tais países, já cientes dos investimentos e da estrutura de exportação de países como China e Índia, temiam a consolidação destes como os principais fornecedores do mercado europeu e norte-americano. Como citado pela Comissão de Comércio Internacional dos Estados Unidos:

É esperado que a China se torne no a ‘fornecedora escolhida’ para a maioria das importadoras americanas (grandes empresas de vestuário e varejistas) por causa da sua habilidade de fazer quase todos os tipos de tecidos e vestuários a qualquer qualidade e a um preço competitivo (ZOELLICK, 2004, p. xi).

No contexto da globalização onde ocorre a interação entre os países no comércio mundial, o fim do ATV e o livre comércio acirra a disputa pelos maiores mercados consumidores têxteis do planeta. O posicionamento competitivo dos países se torna fundamental para a sua sobrevivência no setor. A questão da competitividade é levantada na busca de ressaltar os países que têm obtido sucesso e identificar as estratégias que norteiam a indústria têxtil e vestuário.

2.2 Índices de competitividade

A questão da competitividade nasceu no século XVIII, sendo um dos princípios da economia liberal decorridos nas ideias de David Ricardo e Adam Smith. A competição dos atores entre si contribui para o progresso geral da sociedade (PEREIRA *et al*, 2014). A partir disso, observa-se uma relação de mútuo beneficiamento, onde as empresas compartilham recursos, conhecimento e inovações. Portanto, há uma contínua busca por melhoria nas atividades desempenhadas.

O termo competitividade é bem subjetivo, e diversos autores buscam meios pelos quais a vantagem competitiva possa ser evidenciada e mensurada. Michael Porter (1993) discute a, até então, dificuldade de ser claro e mais preciso ao se falar da competitividade e os fatores que a determinam.

Em seu livro intitulado “Vantagem Competitiva das Nações”, Porter (1993) leva a discussão da competitividade entre empresas ao nível macroeconômico nas quais elas estão inseridas. Portanto, empresas competitivas estão localizadas em países

competitivos. Elenca-se uma série de fatores que influenciariam as empresas na concorrência global: taxas de câmbio, taxas de juros, mão-de-obra barata e abundante, recursos naturais abundantes, políticas governamentais.

Porter (1993) ressalta que a competitividade tem como principal determinante a produtividade. Esta seria o valor do que é produzido por uma unidade de trabalho ou de capital e teria ligação intrínseca com a qualidade e características dos produtos e a eficiência com a qual os mesmos seriam produzidos. A Produtividade Nacional seria portanto o principal conceito que daria significado à competitividade de uma nação.

Diante da discussão de competição entre nações levantada por Porter, identificaremos a competitividade de Brasil, China e Índia a nível micro e posteriormente, com o intuito de explicação, o desempenhos dessas indústrias nacionais pelo desempenho de Brasil, China e Índia no nível macro. Para tal, usaremos respectivamente o Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrico proposto por Laursen (1998) e o Índice da Competitividade Global proposto pelo Fórum Econômico Mundial (SCHWAB e PORTER, 2008).

2.2.1 Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrico

O Índice de Vantagem Comparativa Revelada (chamado a partir daqui de IVCR) foi desenvolvido por Bela Balassa em 1965 em seu trabalho intitulado “Liberalização Comercial e Vantagem Comparativa Revelada” (LAURSEN, 1998). O IVCR analisa até um determinado ponto a estrutura de exportação de um país ou região e compara com a estrutura de exportação do mundo.

O índice funciona da seguinte maneira: a economia mundial compreende n países e m setores. As exportações de um determinado setor j de um determinado país i são dadas por X_{ij} e o total das exportações desse país é dado por X_i . O mesmo equivale para o mundo, sendo que a soma total de suas exportações seria a soma final das exportações de todos os países em todos os setores (AMADOR *et al*, 2006).

O índice é obtido a partir da equação:

$$RCA = \frac{X_{ij}/X_j}{X_{iw}/X_w}$$

Onde:

- X_{ij} = valor das exportações do país j na indústria i
- X_i = valor das exportações totais do país j
- X_{iw} = valor das exportações do mundo na indústria i
- X_w = valor das exportações totais do mundo

O numerador da equação (X_{ij}/X_j) é a representatividade das exportações de um setor i em um país j. O denominador (X_{iw}/X_w) representa a parcela desse mesmo setor nas exportações do mundo. De forma que se o resultado for igual a 1, o país j é tão especializado no setor i quanto o mundo. Ou como a seguir:

- $IVCR > 1$, entende-se que o país j possui vantagem comparativa revelada na indústria de i em relação ao mundo.
- $IVCR < 1$, entende-se que o país j possui desvantagem comparativa revelada na indústria de i em relação ao mundo.

Segundo Laursen (1998), Balassa parte do pressuposto que um país tende a se especializar em produtos que lhe ofereçam vantagem competitiva em relação aos outros produtos e serviços. Portanto quanto mais especializado um país ou região for na exportação de determinado bem em relação ao mundo, maior vantagem comparativa ele deve ter nesse determinado mercado. Portanto o IVCR fornece uma indicador da estrutura relativa das exportações de um país ou região.

Contudo Laursen (1998) levanta uma discussão onde coloca em cheque uma desproporção do índice gerado por Balassa. Nele, o intervalo que denota vantagem comparativa pode variar no intervalo que vai a partir de 1 até o infinito. Enquanto a intervalo que denota desvantagem comparativa se estende de a partir de 1 até aproximadamente 0. Portanto, a contribuição de Laursen (1998) para o Índice de Vantagem Comparativa Revelada foi de torna-lo simétrico como demonstrado a seguir.

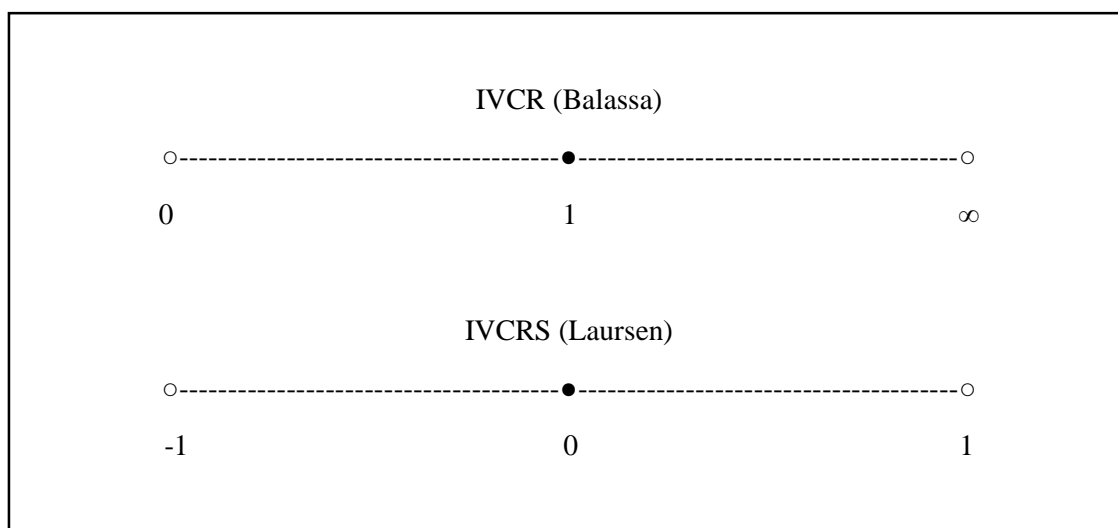
O Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrico (a partir daqui chamado de IVCRS) é obtido a partir da seguinte equação:

$$IVCRS = \frac{IVCR - 1}{IVCR + 1}$$

Portanto, se $IVCRS > 0$ significa vantagem competitiva, e $IVCR < 0$ significa desvantagem competitiva. O intervalo total desse índice é de 1 negativo a 1 positivo.

A partir dessa normalização, tanto o efeito gerado positivo, que denota vantagem comparativa, quanto o efeito gerado negativo, que denota desvantagem comparativa, são simétricos e podem ser melhor comparados.

Figura 2: Intervalos dos índices propostos por Balassa e Laursen.



Fonte: Figura elaborada pelo autor.

Em seu trabalho intitulado “A Mudança comercial e As Vantagens Comparativas Reveladas de Asiáticos e Latino Americanos nas exportações de manufaturados”, Bender e Li (2002) discute a performance econômica nas exportações de manufaturados da Ásia e da América Latina no período de 1981 a 1997 comparado com as exportações em outros produtos e serviços com as exportações em outras economias.

Estudando a competitividade da soja brasileira em relação à China, Coronel e Dessimon (2006) utilizaram o Índice de Vantagem Comparativa Revelada observando que, de modo geral, o Brasil obteve crescente vantagem comparativa nos período compreendido do ano de 1992 a 2004.

Karaalp (2012) utiliza o IVCR em seu trabalho intitulado “Efeitos da União Aduaneira na Vantagem Comparativa da Indústria de Transformação Turca”. Neste trabalho, ele analisa como a união aduaneira dos países europeus impactou em sua vantagem competitiva e quais efeitos foram gerados a partir desse fato, destacando o período temporal de 1988 a 2008.

MA (2013) faz um paralelo das economias do bloco econômico ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático) e da China. A autora faz uma análise da atividades econômicas observando que a China tinha padrões de comércio mais definidos enquanto o ASEAN apresenta uma padrão comercial mais dinâmico. Neste trabalho, MA (2013) trabalha com o Índice de Vantagem Comparativa Revelada Simétrico proposto por Laursen (1998).

No presente trabalho, usa-se o IVCRS para resultados, análise e discussões da competitividade da indústria têxtil e brasileira para termos uma base comparativa melhor entre países competitivos e não-competitivos nas indústria têxtil e vestuário. Contudo, para o melhor entendimento do desempenho das empresas têxteis e vestuário, trabalharemos um paralelo com os aspectos macroeconômicos dos países estudados, como proposto pelo ICG.

2.2.2 Índice da Competitividade Global

O Fórum Econômico Mundial avança além do importante papel da tradicional política monetária como fator diferenciador na competitividade entre nações e aposta na importância de melhoria produtiva das economias mundiais para a competitividade. Essa abordagem se aproxima com a visão de Porter (1993). No Relatório da Competitividade Global o intuito é definir e discutir os diversos fatores que influem na economia global e nas relações internacionais (SCHWAB, 2014).

A partir de 2005, a base de análise da competitividade do Fórum Econômico Mundial tornou-se o Índice da Competitividade Global (ICG) que é uma ferramenta que analisa os fundamentos macroeconômicos das nações. Bowen e Moesen (2011) ressaltam como rankings como o GCI são usados como ferramenta de *benchmarking* pelos mentores das políticas nacionais e outras partes interessadas para julgarem o relativo sucesso de seus esforços em aumentarem a competitividade nacional.

Definindo competitividade como “conjunto de instituições, políticas e fatores que determinam o nível de produtividade de um país”, Schwab (2014) apresenta 12 pilares que direcionam a competitividade das nações, integrando componentes estáticos e dinâmicos.

Os 12 pilares da competitividade são:

- Instituições: determinado pela quadro administrativo jurídico onde interação indivíduos, firmas e Governo em um país, o ambiente institucional é fundamental para crescimento da sua economia. A qualidade das instituições de um país influencia as decisões de investimento, de organização, de produção e a forma como as sociedades distribuem seus benefícios e desenvolvimentos estratégicos.
- Infraestrutura: sendo uma parte crítica, a extensão e eficiência da infraestrutura dá base para que a economia se desenvolva. Isso influencia as atividades econômicas e setores que se desenvolvem no país. Uma boa infraestrutura reduz efeitos negativos nas distância entre regiões, ganhando em custos, eficiência, entre outros termos.
- Estabilidade macroeconômica: diferente do primeiro pilar que avalia a forma como indivíduos, firma e Governo geram riquezas, este pilar analisa o quanto é importante que haja estabilidade a nível macroeconômico para que as firmas de um país consigam operar de maneira eficiente.
- Saúde e educação primária: afetando diretamente a produtividade e consequente competitividade, a saúde da força de trabalho é fundamental. Trabalhadores doentes ficam inoperantes, geram mais custos e menos riquezas e afetam toda a economia. A educação primária

mede a capacidade que essa força de trabalho tem de adaptar a novos e melhores processos e de agregarem valor a economia.

- Educação superior e treinamento: esse quesito é fundamental para países que querem subir na cadeia de valor. Ele permite ir além dos simples processos e produtos com baixo valor agregado. Quando trabalhadores são mais capacitados para desenvolver atividades mais complexas, tendem a responder às mudanças no ambiente de maneira boa e rápida. Portanto, surgem como ponto importante no desenvolvimento competitivo de uma economia.
- Eficiência do Mercado de Bens: tendo como produzir melhores *mixes* de produtos e serviços a partir de determinadas condições de suprimento e demanda, um bom mercado de bens assegura o efetivo comércio desses bens. Gerindo de maneira saudável o equilíbrio entre mercado doméstico e externo e gerando firmas eficientes em seus negócios.
- Eficiência do mercado de trabalho: é crítico ter um mercado de trabalho eficiente e flexível para que se aloquem adequadamente à necessidade econômica que está em mudança constante. Política de incentivos claros e o esforço para promover a meritocracia geram um ambiente para um bom mercado de trabalho.
- Desenvolvimento do mercado financeiro: um bom sistema financeiro aloca os recursos economizados pelos cidadãos de uma nação, assim como os entrados do estrangeiro, para projetos empresariais ou de investimento com maiores taxas de retorno.
- Prontidão tecnológica: essencial para a prosperidade e competitividade das empresas, esse pilar mede a capacidade de resposta das nações a novas e melhores tecnologias que tendem a melhorar os processos, fomentar a inovação e gerar competitividade.
- Tamanho de mercado: tendo como um dos principais pontos a facilitação de economias de escala, tamanho de mercados permite o incremento da produtividade das empresas, embora a globalização traga consigo a abertura de mercados domésticos para a competição internacional. Neste ponto, as exportações surgem como o meio para o aumento do mercado atendido por um país, o doméstico e o externo.

- **Sofisticação de negócios:** baseado na qualidade da rede de negócios geral de um país e na qualidade das estratégias e operações de firmas individuais, esse pilar é fundamental para uma produção maior de bens e serviços. Essa rede de operações entre empresas e fornecedores em grupos próximos geograficamente cria os chamados *clusters* que aproveitam oportunidade para inovação e criação de novos processos e produtos.
- **Inovação:** diferente do último pilar citado, além da criação de novos processos e desenvolvimentos de habilidades e condições de trabalho, esse pilar foca na criação de novas tecnologias visando o desenvolvimento de novos produtos e serviços. A partir disso, uma nova condição de competição é criada em um mercado ainda não existente.

Apesar de existirem 12 diferentes pilares, é necessário se lembrar que existe uma interdependência entre eles, de forma que uma má condição em um pilar certamente afeta a condição em outros pilares. Essa divisão, conforme apresentado na figura 2, permite uma análise e observação mais profunda e específica de cada país, embora a influência de cada pilar mude com relação à competitividade internacional de acordo com o estágio de desenvolvimento no qual a economia local se encontre.

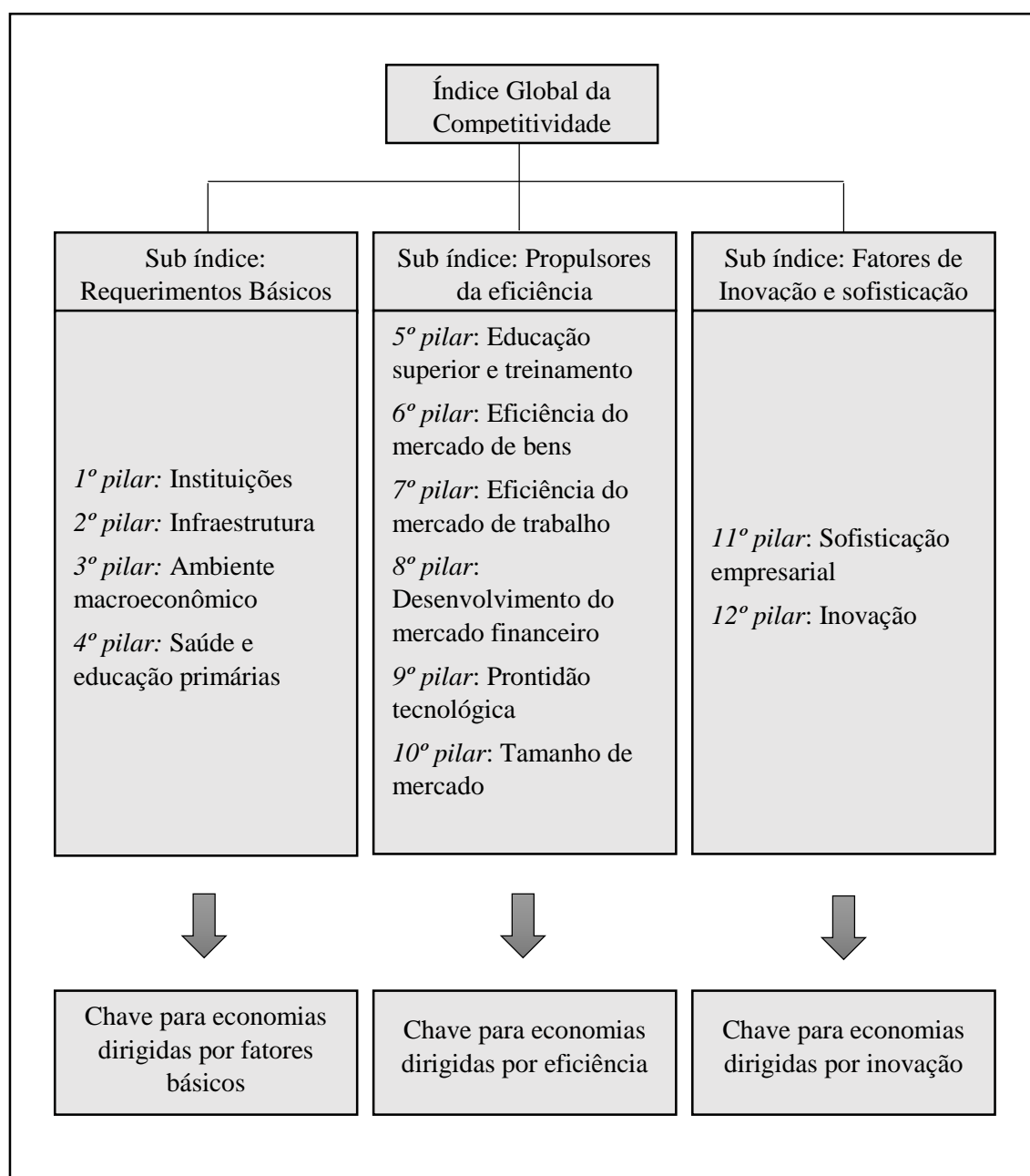
Como descrito na figura 3, Requisitos Básicos, Propulsores de eficiência e inovação e sofisticação empresarial são os 3 estágios nos quais os 12 pilares estão agrupados e onde eles recebem um peso que determina o índice global da competitividade.

No estágio mais básico, firmas estão direcionadas para fatores fundamentais como mão-de-obra primária não qualificada e recursos naturais. Neste estágio, compete-se em preço e trabalha-se, principalmente, com commodities e produtos de menor valor agregado. Países que competem nesse estágio têm baixa produtividade, o que reflete em suas baixas compensações.

No segundo estágio, as firmas competem em eficiência de processos levando em consideração não somente os preços como também a qualidade dos produtos e serviços. Nesse estágio, as nações buscam por melhor eficiência em seus mercados tanto de bens, quanto de trabalho, quanto financeiro. Há a busca por economias de escala tendo o começo de processos produtivos mais eficientes junto de produtos de melhor qualidade.

No terceiro estágio, existe uma fuga da competição por preço ou por oferta de mesmos bens. O fator norteador é uma busca por inovação de forma a oferecer novos bens, produtos inovadores e práticas com métodos mais avançados de produção. Economias neste estágio tendem a manter suas compensações financeiras mais altas, associadas a um acréscimo no padrão de vida.

Figura 3: Subgrupos do Índice Competitividade Global.



Fonte: Traduzida do Relatório da Competitividade Global, 2013, p. 9.

A partir do entendimento que o desenvolvimento econômico é um processo dinâmico de melhoria contínua, o ICG segue o princípio de estágios de desenvolvimento onde diferentes fatores são responsáveis pela competitividade de uma nação de tal forma que, um fator que leva um determinado país a ser competitivo poder não ser o mesmo fator que leva outro determinado país a ser competitivo. Levando a compreensão de competitividade a algo ainda mais complexo.

Dois fatores determinam o estágio desenvolvimento no qual o país se encontrará no Índice da competitividade global. O primeiro é o seu Produto Interno Bruto (PIB) per capita. O Segundo critério é utilizado para ajustar os países que, mesmo baseado em extração recursos naturais, acendem no PIB. Isso se dá pela observação da estrutura de exportação nos últimos cinco anos.

A ideia é de que embora todos os componentes importem em todas as etapas de desenvolvimento, o peso de cada sub índice varia de acordo com o país. De forma que se dependendo de qual subgrupo o país se encontra, o ICG calculado para ele será diferente, como é mostrado na tabela 1.

Tabela 1: Pesos para os sub índices e limiares de renda para estágios do desenvolvimento

Pesos para sub índices	Estágio 1: Direcionado pra fatores fundamentais	Transição do estágio 1 p/ 2	Estágio 2: Direcionado pra eficiência	Transição do estágio 2 p/ 3	Estágio 3: Direcionado pra inovação
PIB per capita (US\$) limiares	<2,00	2,00-2,99	3,00-8,99	9,00- 17,00	>17,00
Requerimentos Básicos	60%	40-60%	40%	20-40%	20%
Propulsores da Eficiência	35%	35-50%	50%	50%	50%
Fator de inovação e sofisticação	5%	5-10%	10%	10-30%	30%

Fonte: traduzido do Relatório Global da Competitividade, 2013, pág. 10

Antes do cálculo geral do ICG de cada país, se calcula o índice de competitividade de cada um dos pilares. Posteriormente, se calcula o valor de cada um dos sub índices através de uma média aritmética dos pilares pertencentes a cada índice. Para cálculo do ICG, se aplica uma média ponderada dos sub índices, conforme a seguir:

$$ICG = \alpha_1 \times \text{requisitos básicos} + \alpha_2 \times \text{propulsores da eficiência} + \alpha_3 \times \text{fatores de inovação}$$

Nesta fórmula, o valor α varia de acordo com o estágio de desenvolvimento no qual o país se encontra. Tal cálculo fornece a noção da competitividade macroeconômica entre os países e dar subsídios para a discussão internacional da economia.

Em 2014, Anatolievna *et al* (2014) utiliza os 12 pilares como o objetivo de indicar o caminho para a melhoria econômica russa e procura desenvolver orientações de estratégias básicas para aumentar a competitividade internacional da Rússia.

Hanouz *et al* (2011) faz uso do Índice Global da Competitividade para analisar a competitividade da economia da Ásia Central em seu trabalho intitulado “Como tem sido a performance das Economias da Ásia Central: Resultados do Índice da Competitividade Global”. Neste trabalho, foram estudados a economia de quatro países: Cazaquistão, República do Quirguizistão, Tajiquistão e na Mongólia. O que se observou foi que esses países obtinham vantagem comparativa compartilhada na flexibilidade laboral mas que sofriam no subdesenvolvimento do mercado financeiro, infraestrutura precária e baixa qualidade na educação.

A partir de uma análise mais aprofundada em cada setor, é possível observar a influência e relevância de cada pilar em determinadas indústrias e elencar os pilares mais relevantes. No caso deste trabalho, procura-se identificar os pilares mais importantes no incremento da competitividade da indústria têxtil e vestuário, de forma a explicar o posicionamento competitivo brasileiro.

3 METODOLOGIA

A pesquisa do presente trabalho é de natureza quantitativa porque os dados secundários coletados receberam tratamento estatístico, o que possibilitou a quantificação do conceito de competitividade e a sua posterior discussão.

Quanto aos fins, a pesquisa é descritiva pois o objetivo dela é discorrer acerca de determinado aspecto em uma determinada população ou objeto de estudo, no caso a competitividade da indústria têxtil e vestuário brasileira. A finalidade do trabalho é realizar uma descrição da atuação da indústria de têxteis e vestuário. A indústria de têxteis e de vestuário foram distinguidas a partir da nomeação de nossa base dados da OMC: *textiles*, para a primeira e *clothing*, para a segunda.

Quanto aos meios, este trabalho realizou uma pesquisa bibliográfica, que significa que os procedimentos aqui adotados foram obtidos a partir da leitura de trabalhos anteriormente publicados como livros, revistas, artigos de periódicos e redes eletrônicas. A partir de uma extensa pesquisa bibliográfica nos temas abordados neste trabalho, construiu-se um referencial teórico que validasse os resultados e a análise aqui decorridos.

3.1 Base de dados

A base de dados utilizada para cálculo do IVCR no presente trabalho foi obtida na página eletrônica da Organização Mundial do Comércio: <https://www.wto.org/>. A base coletada se encontra no seguinte caminho: *Documents; data and resources; Statistics; Merchandise trade; Statistics database; Times series on international trade*.

A seleção dos dados foi feita definindo os critérios apresentados a seguir: *Merchandise trade by commodity: textiles/clothing; Reports: World, Brazil, China, India; Partners: World; Trade flows: Exports; Years: 1994-2013*. Para composição de pauta das exportações desses três países, também se utilizou outros conjuntos de dados no primeiro critério: *Food, Fuels, Iron and Steel, Chemicals, Machinery and Transport Equipment*.

A base de dados utilizada para a mensuração da competitividade macroeconômica dos países foram os Relatórios Globais da Competitividade publicados

anualmente pelo Fórum Econômico Mundial. Os relatórios estão disponíveis no endereço eletrônico: <http://www.weforum.org/>.

3.2 Tratamento dos dados

O período estudado foi do ano de 1994 ao ano de 2013. O início desse recorte temporal pode ser explicado pelo ano do início do ATV, acordo de caráter transitório que afetaria as exportações no setor radicalmente culminando na liberalização comercial. O fim desse recorte temporal se justifica no fato de ser o último ano disponibilizado pelo banco de dados da Organização Mundial do Comércio, portanto, sendo as dados mais recentes passíveis de serem utilizados.

Para cálculos do IVCR de Brasil, China e Índia no período estudado, foram coletadas o valores em US\$ de suas exportações anuais tanto na indústria têxtil como no vestuário e no total de exportações de cada país. Os mesmos dados foram coletados para o Mundo. Os dados coletados foram dispostos em tabelas das quais foram gerados os gráficos através do uso do Excell do Pacote Office da Microsoft.

Da mesma forma, foram observados os índices dos 12 pilares para cada país no período temporal de 2007 a 2013. Se obteve uma média para o entendimento geral do desempenho dos países nos últimos anos, e se elencou através de comparação, o país que obtinha vantagem em cada dos 12 aspectos macroeconômicos.

Por fim, cruzou-se os dados gerados pelo IVCR e pelos 12 pilares para justificar o desempenho de cada uma das indústrias nacionais de têxteis e vestuários nos três países. Dessa forma, pode-se entender melhor as relações de influência no setor.

4 RESULTADOS

Partindo de uma panorama mundial da indústria têxtil e vestuário e observando o comportamento global de modo comparativo entre Brasil, China e Índia, tem-se uma compreensão mais ampla de como se encontra o setor nacional. Seguente a isto, apresenta-se os resultados do índice de vantagem comparativa revelada e do índice de competitividade global, mensurando como se encontra a competitividade da indústria brasileira.

4.1 Panorama da indústria têxtil e vestuário no mundo

Como ponto de partida, elenca-se os dez maiores exportadores do ano de 2013 tanto na indústria têxtil quanto no vestuário. Tal procedimento permite ter-se uma noção de quem são e onde ficam as grandes potências mundiais. Segue-se o ranking do aqui chamado *Global Players* do ano de 2013, último ano disponibilizado na base de dados de séries temporais da Organização Mundial do Comércio, conforme apresentado nas tabelas 2 e 3.

Tabela 2: *Global Players* - Principais exportadores de têxteis no ano de 2013 mais o Brasil em valores de US\$.

Têxtil				
Posição	País	Valor em US\$	Porcentagem	Parcela agrupada
1º	China	106.577.950.582	34,84%	72,67%
2º	Índia	18.907.143.693	6,18%	
3º	Alemanha	14.909.886.882	4,87%	
4º	Estados Unidos	13.924.469.083	4,55%	
5º	Itália	13.459.417.584	4,40%	
6º	Turquia	12.156.874.331	3,97%	
7º	Coréia do Sul	12.042.992.672	3,94%	
8º	Hong Kong	10.718.496.178	3,50%	
9º	Taiwan	10.246.049.000	3,35%	
10º	Paquistão	9.341.400.769	3,05%	
...	Outros países	82.663.876.225	27,02%	27,33%
35º	Brasil	949.284.000	0,31%	
...	Mundo	305.897.840.999	100,00%	100,00%

Fonte: OMC (2015).

Pode-se perceber que praticamente todos os grandes exportadores do setor estão na Europa e na Ásia, com uma única exceção: Estados Unidos na indústria têxtil. Aprofundando-se nessa dicotomia Euro-Ásia, ainda é possível observar que, de forma geral, os países asiáticos são ainda mais dominantes na indústria de têxtil cedendo mais espaço aos europeus quando o assunto é vestuário.

Tabela 3: *Global Players* - Principais exportadores de vestuário no ano de 2013 mais o Brasil em valores de US\$.

Vestuário				
Posição	País	Valor em US\$	Porcentagem	Parcela agrupada
1º	China	177.434.933.844	38,55%	73,24%
2º	Itália	23.735.408.947	5,16%	
3º	Bangladesh	23.500.980.000	5,11%	
4º	Hong Kong	21.937.166.976	4,77%	
5º	Alemanha	18.408.989.835	4,00%	
6º	Vietnã	17.230.059.560	3,74%	
7º	Índia	16.842.801.078	3,66%	
8º	Turquia	15.407.932.579	3,35%	
9º	Espanha	11.543.267.589	2,51%	
10º	França	11.045.775.804	2,40%	
...	Outros países	123.343.872.558	26,80%	26,83%
77º	Brasil	162.973.000	0,04%	
...	Mundo	460.268.215.770	100,00%	100%

Fonte: OMC (2015).

Percebe-se que o comércio mundial do setor é bastante concentrado, onde um pequeno grupo de 10 países detêm mais de 70% do total de exportações. Em 2013, as exportações de vestuário apresentam valores maiores do que as de têxtil, representando 60% do comércio total do setor. Tal constatação nos leva a inferir que a comercialização do produto na ponta da cadeia tem maior representatividade no comércio mundial em termos financeiros.

A liderança da China para os demais países do mundo nas exportações mundiais em ambas as indústrias é clara. Portanto, pode-se considerá-la como o país mais atuante destacado no ramo com 34,84% e 38,55% da participação mundial em têxteis e vestuário respectivamente. Com parcela entre 6,18% e 2,40%, surgem os demais grandes países do ramo.

A Índia surge como outro grande país no comércio do setor, estando como 2º maior exportador da indústria têxtil e 7º maior exportador em vestuário, embora seu desempenho nos dois elos da cadeia sejam semelhantes: US\$ 18.907.143.693 e US\$ 16.842.801.078 respectivamente. Isso se dá pelo fato de países terem um grande incremento nas suas exportações de vestuário quando comparado ao têxtil.

Já com relação ao Brasil, sua classificação no ranking mundial em 2013 em têxtil e vestuário é 35º e 77º respectivamente. Apesar de sua participação no comércio mundial ser pouca nas duas indústrias, ela é mais irrelevante em vestuário sendo quase oito vezes menor que sua participação em têxtil. Isto explicita que este país está posicionado mais no início da cadeia do que no final dela.

Embora a China represente praticamente metade da produção mundial no setor, em relação à Índia, essa pouca participação brasileira no comércio não é fundada nas produções nacionais, visto que o Brasil também figura entre os maiores produtos de têxteis e vestuários do mundo, conforme apresentado na tabela 4.

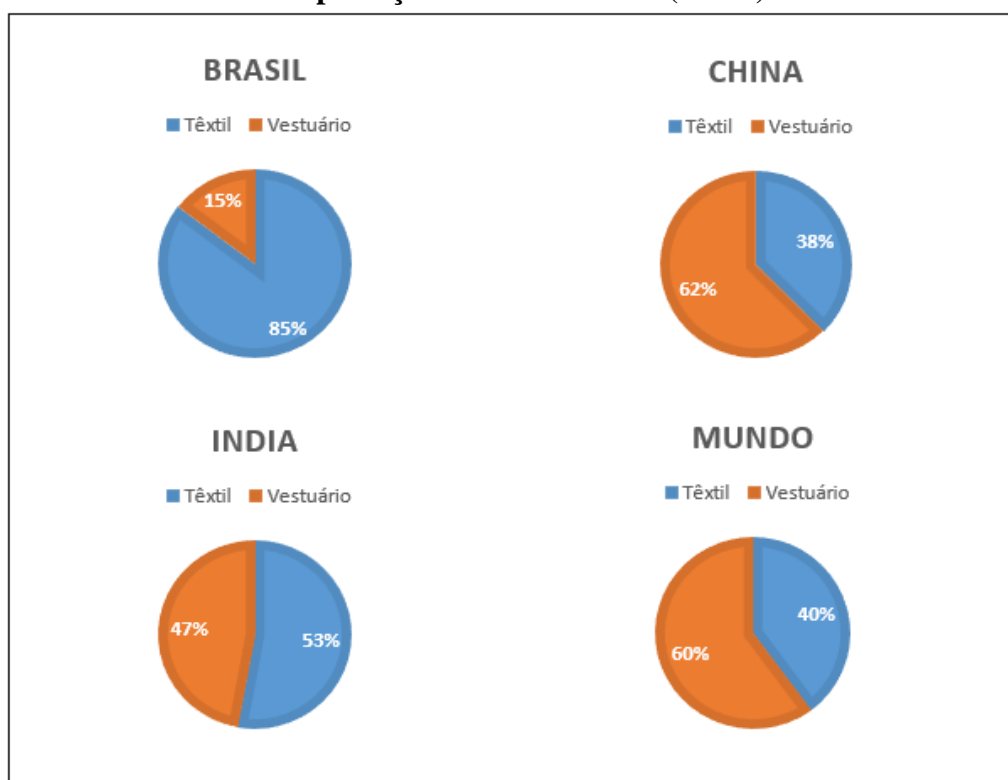
Tabela 4: Principais produtores mundiais de têxteis e de vestuário no ano de 2010.

Produtores de têxteis			Produtores de vestuário		
País	Produção (mil ton.)	% mundial	País	Produção (mil ton.)	% mundial
1. China	38.561	50,70%	1. China	21.175	46,40%
2. Índia	5.793	7,60%	2. Índia	3.119	6,80%
3. EUA	4.021	5,30%	3. Paquistão	1.523	3,30%
4. Paquistão	2.820	3,70%	4. Brasil	1.271	2,80%
5. Brasil	2.249	3,00%	5. Turquia	1.145	2,50%
6. Indonésia	1.899	2,50%	6. Coreia do Sul	990	2,20%
7. Taiwan	1.815	2,40%	7. México	973	2,10%
8. Turquia	1.447	1,90%	8. Itália	935	2,00%
9. Coreia do Sul	1.401	1,80%	9. Malásia	692	1,50%
10. Tailândia	902	1,20%	10. Polônia	664	1,50%

Fonte: adaptado de ABIT (2013).

Uma das explicações da insignificância no cenário mundial do Brasil em relação a estes dois países pode ser explicado pelo comportamento deles na relação têxtil-vestuário, conforme apresentado no gráfico 2.

Gráfico 2: Parcela de participação entre têxtil e vestuário em cada país estudado relativo as exportações do ano de 2013 (OMC).



Fonte: OMC (2015).

O que se observa, é que o Brasil tem um comportamento diferente se comparado tanto com o mundo quanto com os outros dois países foco, adotando mais fortemente o comércio no têxtil, que é mais intensivo em maquinário, do que em vestuário que é mais intensivo em mão-de-obra. Conforme inferido anteriormente, as exportações de vestuário são mais representativas no comércio mundial, o que pode afetar os resultados totais do Brasil na cadeia têxtil, visto que o vestuário possui maior valor agregado.

De acordo com Antero (2006), a postura brasileira de pouca inserção em vestuário também pode implicar nos resultados competitivos brasileiros porque um posicionamento consistente na confecção seria fundamental na percepção das tendências e demandas do mercado e em uma resposta competitiva rápida.

Para uma análise mais profunda e abrangente do ponto de vista temporal, apresenta-se na tabela 5 o comportamento de *Market-Share* anual dos países no comércio mundial no período compreendido entre 1994 e 2013.

Tabela 5: Participação anual de Brasil, China e Índia no comércio total mundial e na indústria de têxtil e vestuário no período analisado em valores.

Ano	Brasil			China			Índia		
	Total	Têxtil	Vest.	Total	Têxtil	Vest.	Total	Têxtil	Vest.
1994	1,0%	0,7%	0,3%	2,8%	9,0%	16,9%	0,6%	2,9%	2,6%
1995	0,9%	0,7%	0,2%	2,9%	9,1%	15,2%	0,6%	2,9%	2,6%
1996	0,9%	0,7%	0,1%	2,8%	7,9%	15,1%	0,6%	3,2%	2,5%
1997	0,9%	0,7%	0,1%	3,3%	8,9%	17,9%	0,6%	3,4%	2,4%
1998	0,9%	0,6%	0,1%	3,3%	8,6%	16,2%	0,6%	3,0%	2,6%
1999	0,8%	0,6%	0,1%	3,4%	8,9%	16,3%	0,6%	3,5%	2,8%
2000	0,9%	0,6%	0,1%	3,9%	10,4%	18,3%	0,7%	3,6%	3,0%
2001	0,9%	0,6%	0,1%	4,3%	11,4%	18,9%	0,7%	3,7%	2,8%
2002	0,9%	0,5%	0,1%	5,0%	13,4%	20,3%	0,8%	3,8%	2,9%
2003	1,0%	0,6%	0,1%	5,8%	15,6%	22,3%	0,8%	3,7%	2,7%
2004	1,0%	0,6%	0,1%	6,4%	17,2%	23,8%	0,8%	3,8%	2,7%
2005	1,1%	0,7%	0,1%	7,3%	20,2%	26,7%	0,9%	4,1%	3,1%
2006	1,1%	0,6%	0,1%	8,0%	22,3%	30,8%	1,0%	4,1%	3,1%
2007	1,1%	0,6%	0,1%	8,7%	23,5%	33,3%	1,1%	4,0%	2,9%
2008	1,2%	0,5%	0,1%	8,9%	26,2%	33,1%	1,2%	4,2%	3,0%
2009	1,2%	0,5%	0,1%	9,6%	28,3%	33,9%	1,3%	4,3%	3,8%
2010	1,3%	0,43%	0,04%	10,3%	30,4%	36,7%	1,5%	5,1%	3,2%
2011	1,4%	0,38%	0,05%	10,4%	32,1%	36,8%	1,7%	5,2%	3,5%
2012	1,3%	0,35%	0,04%	11,1%	33,6%	37,8%	1,6%	5,4%	3,3%
2013	1,3%	0,31%	0,04%	11,7%	34,8%	38,6%	1,7%	6,2%	3,7%

Fonte: OMC (2015).

Quando comparado o último com o primeiro ano, pode-se observar que a China teve um enorme acréscimo a sua parcela no comércio mundial. Embora sua parcela no comércio mundial total seja de aproximadamente 9%, sua participação foi ainda maior em têxtil e vestuário, sendo de 25,8% e 21,7% respectivamente. A Índia teve também um significativo aumento chegando perto de triplicar sua parcela no comércio total mundial de 0,6% para 1,7%. Contudo, o seu maior incremento foi na indústria têxtil, sendo de 3,3%. Enquanto que em vestuário esse incremento foi de 1,1%. Tanto China quanto Índia apresentam um crescimento gradativo no comércio.

O Brasil teve um insignificante aumento de 0,3% em sua participação no comércio mundial total, e ainda perdeu participação no comércio do setor, explicitando uma perda de especialização brasileiro no setor. O decréscimo de sua participação foi de 0,39% em têxtil e de 0,26% em vestuário. Pode-se ver é que a China é o grande *Global*

Player quando o assunto é exportações têxteis e vestuário e que a Índia ainda tem uma grande importância, mas o Brasil que tem sofrido uma gradativa redução em sua participação e tem se tornado ainda mais irrelevante no setor.

Na tabela 6, tem-se um comparativo entre as pautas de exportações para uma identificação da tendência da economia destes. Dividiu-se o período total em três partes a título de simplificação. Portanto, tem-se o perfil de cada um no comércio mundial.

Tabela 6: Composição de pauta das exportações dos países estudados em 3 períodos com a média de valores de exportação em US\$.

País/ Região	Pauta	Parcela no período		
		1994-1998	1999-2004	2005-2013
Mundo	Alimentos	9%	7%	7%
	Combustíveis	8%	10%	16%
	Ferro e aço	3%	2%	3%
	Materiais químicos	9%	10%	11%
	Maquinário*	38%	40%	33%
	T&V**	6%	5%	4%
	Outras exportações	27%	26%	26%
Brasil	Alimentos	30%	27%	30%
	Combustíveis	1%	4%	9%
	Ferro e aço	8%	7%	5%
	Materiais químicos	6%	6%	6%
	Maquinário*	21%	25%	19%
	T&V**	3%	2%	1%
	Outras exportações	31%	29%	30%
China	Alimentos	8%	5%	3%
	Combustíveis	3%	3%	2%
	Ferro e aço	2%	2%	3%
	Materiais químicos	6%	5%	5%
	Maquinário*	23%	40%	48%
	T&V**	25%	19%	13%
	Outras exportações	32%	28%	26%
Índia	Alimentos	18%	12%	10%
	Combustíveis	1%	5%	17%
	Ferro e aço	3%	4%	4%
	Materiais químicos	9%	11%	11%
	Maquinário*	8%	9%	13%
	T&V**	28%	23%	12%
	Outras exportações	33%	36%	32%

*Maquinários e Equipamentos de transporte. **Têxtil e Vestuário.

Fonte: OMC (2015).

Nas exportações totais mundiais, em todo período estudado, a indústria mais forte foi a de Maquinário e Equipamentos de Transporte. Contudo, observa-se uma mudança no panorama do comércio mundial. As exportações de Maquinário perderam 5% de participação e as de T&V 2%. Houve um incremento de 2% nas exportações de materiais químicos e, de maneira destacada, as exportações de combustíveis dobraram do primeiro ao último período

Na China, observou-se uma mudança quando no início sua indústria mais forte, têxteis e vestuário, foi substituída pela liderança da indústria de Maquinário e Equipamentos de Transporte, adotando postura mais próxima ao comportamento mundial. O incremento total das exportações de maquinários foi de 25%, enquanto T&V e Alimentos perderam 12% e 5% respectivamente.

Assim como na China, na Índia existe uma considerável diminuição da parcela de T&V em sua pauta de exportações embora ambas permaneçam mais do que antes entre os principais países do ramo, um decréscimo de 16%. Em seus dois primeiros períodos, a Índia teve como principal produtos de exportação o têxtil e vestuário, mudando, no entanto, para combustíveis. Este tivera participação de 1% no primeiro período e de 17% no último.

No Brasil, observa-se que seu principal produto de exportação era e continua sendo uma *commodity* sem grande valor agregado. Produtos agrícolas ocupam aproximadamente um terço de tudo que foi exportado no Brasil nos últimos vinte anos. Semelhantemente à Índia, teve-se um significativo aumento de 8% em combustíveis.

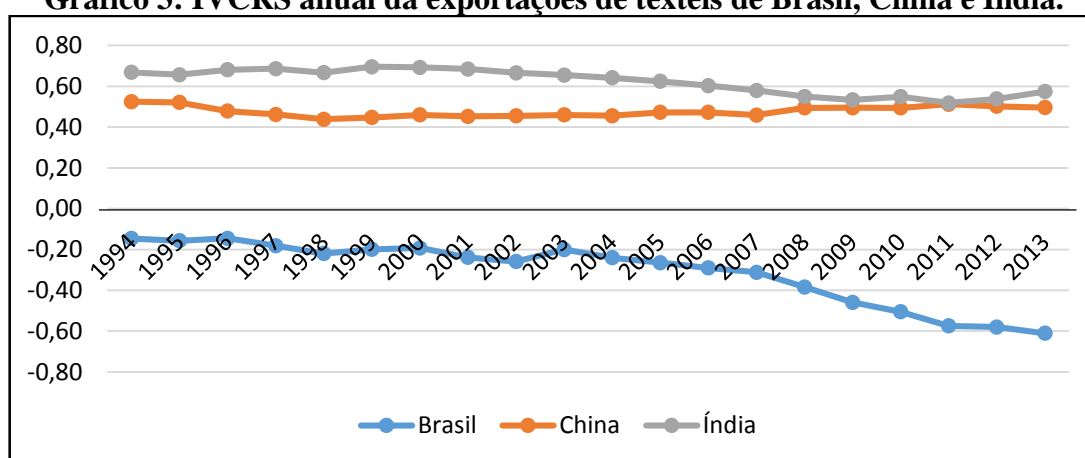
O desempenho das indústrias que fazem interface com a têxtil também pode explicar o desempenho do país neste setor. O Brasil se mostra muito mais forte nos produtos agrícolas, principalmente em algodão, e pouco relevante na indústria química. Portanto, o país não acompanhou a tendência mundial de consumo das fibras têxteis químicos em relação as fibras naturais.

O desempenho de Brasil, China e Índia no comércio mundial podem ser explicados da identificação da capacidade dos mesmo concorrerem em mercados globais. Sendo a competitividade um fator determinante no comércio, tem-se a seguir os resultados da aplicação de dois índices de mensuração competitiva, o IVCR e o GCI.

4.2 IVCRS de Brasil, China e Índia

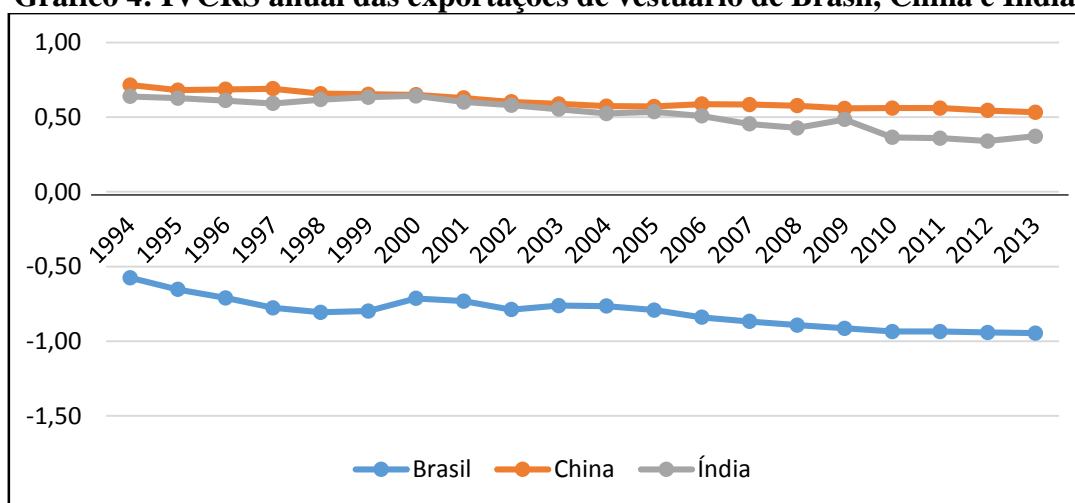
Decorrendo em termos de competitividade, a partir do índice proposto por Balassa e desenvolvido por Laursen (1998), onde a premissa básica é que países tendem a se especializar em indústrias e mercadorias que lhe ofereçam vantagem comparativa no mercado mundial. Os gráficos 3 e 4 apresentam a vantagem comparativa anual de Brasil, China e Índia no período estudado.

Gráfico 3: IVCRS anual da exportações de têxteis de Brasil, China e Índia.



Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados coletados na OMC (2015).

Gráfico 4: IVCRS anual das exportações de vestuário de Brasil, China e Índia.



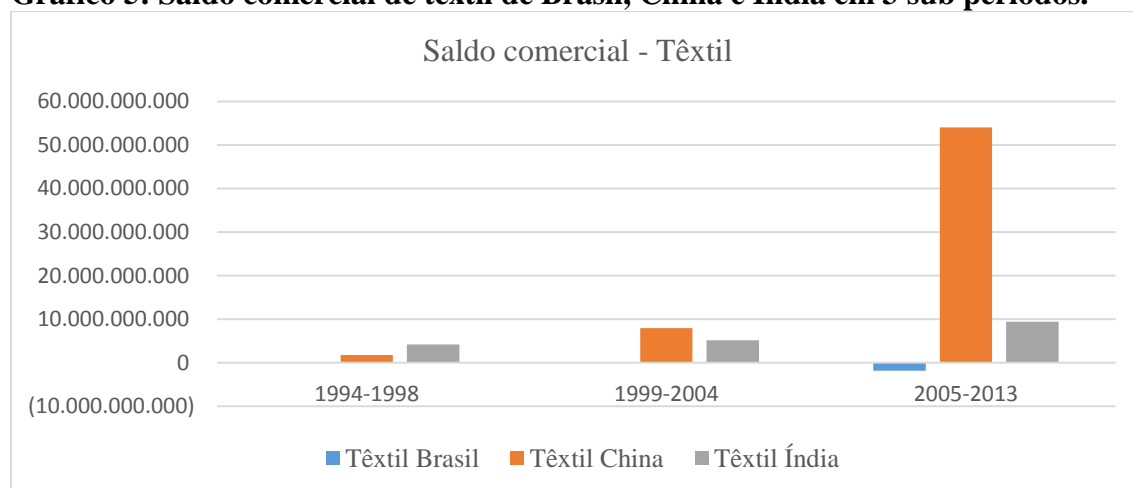
Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados coletados na OMC (2015).

Portanto, Embora em números absolutos a China esteja amplamente a frente da Índia, em termos de especialização pelo o IVCRS, China e Índia tem tido níveis de competitividade no setor altos e muito semelhantes uma a outra. Sendo que a China tem destaque maior no ramo de vestuário obtendo maior vantagem comparativa revelada nesta indústria enquanto que a Índia se mostra mais competitiva na Indústria de Têxteis, o que ratifica o que nos mostrou o gráfico 2.

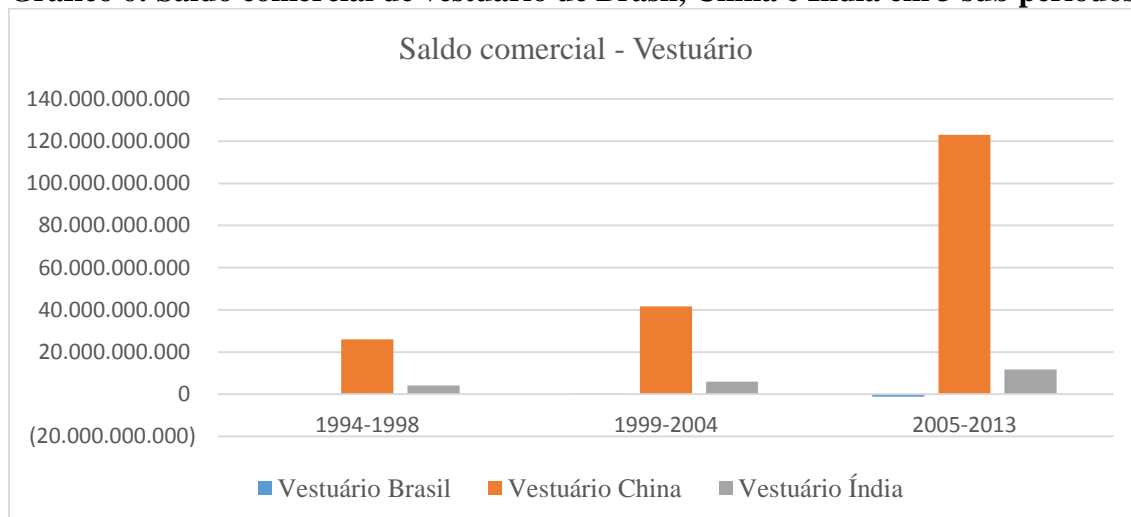
Por último, o Brasil tem tido crescente desvantagem comparativa nas duas indústrias, mais no vestuário do que no têxtil. Contudo, olhando o índice ano a ano pode-se ver que ainda bem no início do período temporal total analisado, o Brasil chegou a se mostrar quase em posição de paridade competitiva na indústria têxtil em relação à média mundial, apresentando IVCRS de somente 0,1 negativo. No último ano estudado, o Brasil é identificado muito próximo do maior grau de desvantagem competitiva com IVCRS igual a 0,6 negativo em têxteis e 0,9 negativo em vestuário.

A partir do IVCRS, fica evidente que o Brasil tem estado cada vez mais aquém do comércio mundial de têxteis e de vestuário. O país latino-americano não é competitivo no setor frente aos outros países atuantes no ramo ao redor do mundo. O saldo comercial dos países na indústrias de têxteis e vestuário, apresentado nos gráficos 5 e 6 ressalta bem essa situação.

Gráfico 5: Saldo comercial de têxtil de Brasil, China e Índia em 3 sub períodos.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados coletados na OMC (2015).

Gráfico 6: Saldo comercial de vestuário de Brasil, China e Índia em 3 sub períodos.

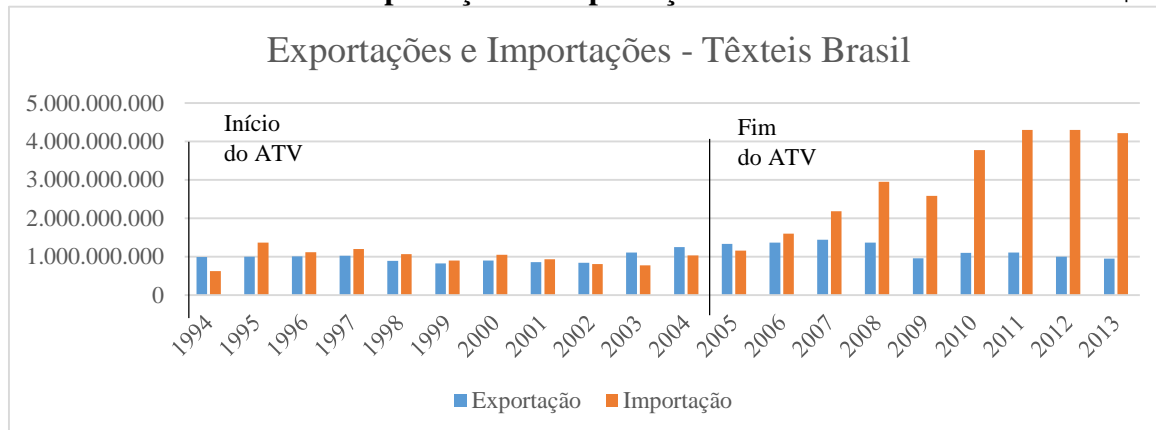
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados coletados na OMC (2015).

Fica claro que o desempenho da indústria T&V chinesa tem passado por um grande crescimento, apresentado um aumento em sua balança comercial muito elevado se comparado aos demais países. Tal fato denota o quanto esse país tem ganhado notoriedade na economia mundial com participações cada vez maiores no comércio.

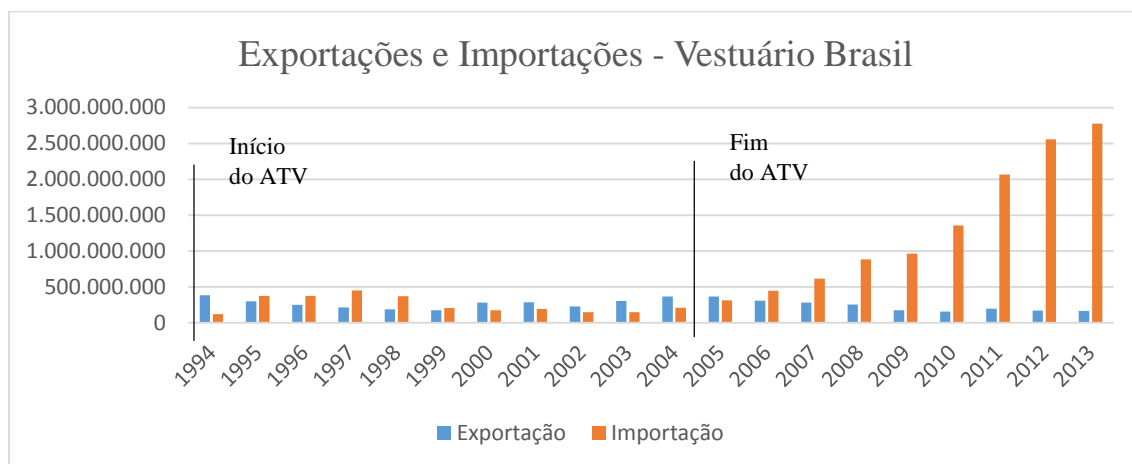
A Índia, que tem um foco mais têxtil do que a China, ainda apresentou valores superiores a esta no primeiro período, mas embora apresente saldo comercial também crescente, foi ultrapassada nos períodos subsequentes. O Brasil apresentou um saldo negativo 20 vezes maior na indústria têxtil no terceiro período em relação ao primeiro assim como de 15,4 vezes menor no vestuário.

Para a compreensão mais específica do comportamento comercial brasileiro, tem-se no Gráfico 7 e 8 os valores referentes às importações e exportações tanto de têxtil quanto de vestuário. A liberação econômica mundial do setor a partir de 2005 mostrou como o país tem perdido mercado nos últimos anos.

O que se observa é que a taxa de importação brasileira tem aumentado muito mais do que a de exportação e que o Brasil não tem conseguido enfrentar o produto externo. Em 1994, o Brasil importou US\$ 624.429.760,00 em têxteis, e em 2013 US\$ 4.220.983.335, um aumento de quase 7 vezes. No tangente a vestuário, o Brasil passou de uma exportação de US\$ 118.158.912 para US\$ 2.774.963.737. Essa mudança representa um aumento de 23,49 vezes no valor importado pelo brasileiros em 20 anos.

Gráfico 7: Valores das importações e exportações brasileiras de têxtil em US\$.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados coletado na base de dados da OMC.

Gráfico 8: Valores das importações e exportações brasileiras de vestuário em US\$.

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados coletado na base de dados da OMC.

A partir dos gráficos 7 e 8, é evidente que nos períodos de vigência dos acordos internacionais de restrição comercial, principalmente o AMF e do ATV, o valor importado estava em um sob um controle que trazia saldos positivos a balança comercial do setor. A partir de 2005, com a liberalização do setor, a indústria têxtil e vestuário nacional viu entrar em suas fronteiras uma quantidade muito maior de produtos exportados, acirrando a competição pelo mercado doméstico.

Infer-se que enquanto vigorava o AMF e ATV, o Brasil se acomodou com o mercado interno livre que por seu tamanho continental satisfazia a produção nacional. Contudo, a partir de 2005, com a liberalização do setor para um livre comércio a partir da extinção de cotas de importação, era de se esperar os crescimentos nas duas frentes, tanto relativo às exportações quanto às importações, fomentando o comércio mundial. Porém

o Brasil viu o produto estrangeiro entrar em seu território mas o mundo não viu o produto brasileiro sendo comercializado em maiores escalas.

No período de vigência do ATV, os competidores internacionais se prepararam para essa abertura na qual o mesmo culminava, o Brasil não. A liberalização comercial teve efeito contrário em relação as suas exportações, que invés de crescer a partir de 2005, diminuiu. Ao que se também pode inferir que o Brasil não atendia nem a demanda internacional que lhe era permitida explorar, e que na ausência de uma estratégia competitiva e de uma preparação proativa, perdeu espaço para os *global players*, que souberam aproveitar esse cenário internacional favorável e expandiram os seus negócios, principalmente a China. Esta foi seguida de perto por outros países asiáticos como a Índia.

O estudo da competitividade a nível micro é subsidiado pela inferência da competitividade a nível macroeconômico dos países. Essa relação pode explicar o porquê da China e Índia serem ambientes propícios para empresas competitivas no setor têxtil e o Brasil não ser.

4.3 ICG: os 12 pilares da competitividade

O índice desenvolvido pelo Fórum Econômico Mundial, dividido em 12 pilares, foi estabelecido a partir do ano de 2007. Portanto, tem-se ICG publicado para os últimos oito dos vinte anos abordados no período temporal destacado, conforme apresentado na tabela 7.

Tabela 7: Ranking Brasil-China-Índia no Índice Global da Competitividade 2007-2013.

ICG Overall index	Brasil		China		Índia	
	rank	score	rank	score	rank	score
2007	72	3,99	34	4,57	48	4,33
2008	64	4,13	30	4,70	50	4,33
2009	56	4,23	29	4,74	49	4,30
2010	58	4,28	27	4,84	51	4,33
2011	53	4,32	26	4,90	56	4,30
2012	48	4,40	29	4,83	59	4,32
2013	56	4,33	29	4,84	60	4,28

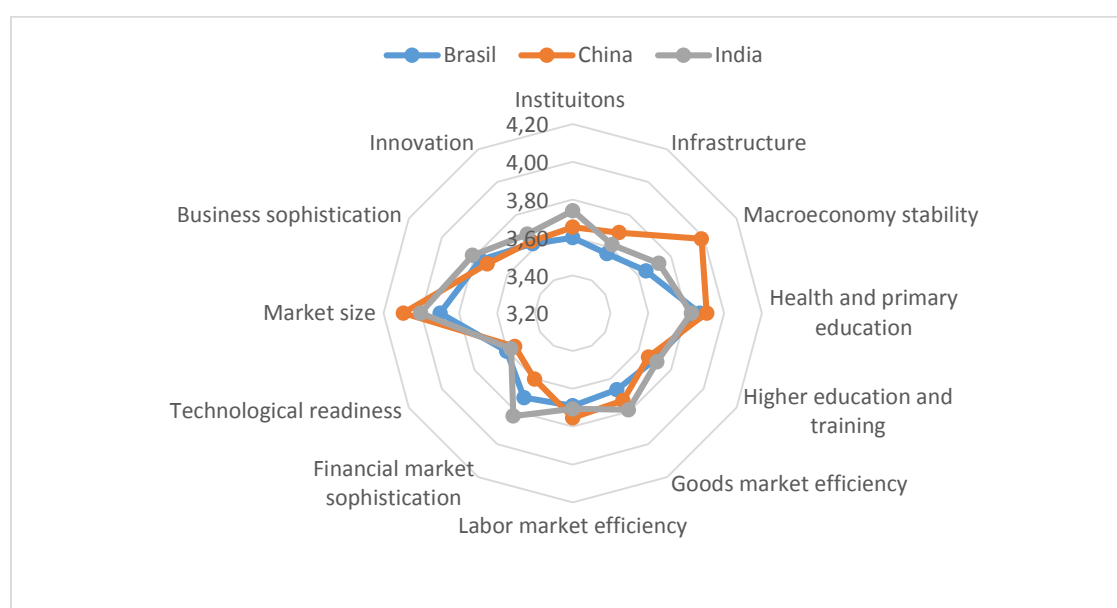
Fonte: Relatório da Competitividade Global (2007-2013).

Fica evidente a liderança da China em relação aos outros países no Índice de Competitividade Global, subindo 25 posições no ranking mundial do primeiro ao último ano analisado e ocupando a posição de 29º país mais competitivo do mundo. Pode-se observar ainda uma troca de posições entre Índia e Brasil. Este país esteve à frente daquele nos últimos 3 anos. No primeiro ano analisado, Brasil ocupava somente a 72ª posição passando à 56ª em 2013, enquanto a Índia, que estava em 48º lugar, terminou o período ocupando apenas a 60ª posição.

A inversão de posições entre Brasil e Índia se deu principalmente pelo estágio de desenvolvimento nos quais estes países se encontram. Devido a grande população da Índia, o seu PIB per capita é de apenas 1.498,87 USD (2010). Fato que a coloca no primeiro estágio de desenvolvimento. Enquanto Brasil figura em transição do segundo para o terceiro estágio de desenvolvimento com um PIB per capita de 11.208,08 USD.

O gráfico 9 apresenta uma comparação entre os países em cada um dos pilares da competitividade a partir de uma média de 2007 à 2013. Isto permite identificar quais são os pontos mais fortes e mais fracos de cada país e onde levam vantagem comparativa. A partir dessa compreensão, pode-se inferir quais aspectos macroeconômicos tendem a terem uma maior influência na indústria de têxtil e vestuário e explicar melhor desempenho de cada país nas mesmas.

Gráfico 9: Média de Brasil, China e Índia de 2007 a 2013 nos 12 pilares.



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados coletados no Relatório da Competitividade Global (2007-2013)

A partir do gráfico 9, se pode observar qual é estrutura macroeconômica recente de Brasil, China e Índia. No comparativo desses três países, a figura 3 apresenta quem se sobressaiu em cada os dos pilares e também em cada um dos subgrupos.

Em quantidade, a Índia foi o país que se destacou estando a frente em seis pilares, sendo o principal país no terceiro aspecto macroeconômico – inovação. Também se apresentou ligeiramente a frente nos propulsores de eficiência. A China esteve a frente em 5 dos 12 pilares. Ela aparece como principal país no estágio macroeconômico dos Requerimentos Básicos para a Economia. Por último, o Brasil surge como um desempenho ligeiramente melhor em um dos propulsores da eficiência: Prontidão Tecnológica.

Figura 4: Liderança de cada país em pilar a partir da média 2007-2013 dos 12 pilares da competitividade

País	Pilar	Estágio
Brasil	Prontidão tecnológica	Propulsores da eficiência
China	Infraestrutura Estabilidade macroeconômica Saúde e educação primária Eficiência do mercado de trabalho Tamanho de mercado	Requerimentos básicos Requerimentos básicos Requerimentos básicos Propulsores da eficiência Propulsores da eficiência
Índia	Instituições Educação superior e treinamento Eficiência do mercado de bens Sofisticação do mercado financeiro Sofisticação dos negócios Inovação	Requerimentos básicos Propulsores da eficiência Propulsores da eficiência Propulsores da eficiência Inovação Inovação

Fonte: Figura elaborada pelo autor a partir de dados coletado no Fórum Econômico Mundial

Sendo um setor econômico de base com baixos requerimentos de investimento, impacto social na geração de emprego principalmente em mão-de-obra não qualificada e observando o desempenho da líder mundial do setor China, conclui-se que

os aspectos básicos da macroeconomia são os mais importantes pra indústria têxtil e pro vestuário.

A “infraestrutura” e a “estabilidade macroeconômica” entram como aspectos fundamentais na construção de um ambiente macroeconômico competitivo. Ela dá base para que a economia se desenvolva onde são reduzidos os custos e melhora a interface entre indústrias. Desse modo, as relações entre a indústria têxtil, o agronegócio e a indústria química são mais eficientes.

Os pilares “saúde e educação primária” e “eficiência de mercado de trabalho” entram como aspectos decisivos no setor têxtil, uma vez que o setor é grande empregador de mão de obra primária, e que a eficiência desta força de trabalho se torna um diferencial competitivo. Considerando que China e Índia têm vantagem competitiva com relação aos custos de mão de obra, devido a abundância de força de trabalho.

O pilar “tamanho de mercado”, que apesar de ser significativo nos três países, ainda dá a China uma vantagem a mais por ter maior capacidade de escoação da sua produção. O pilar “instituições” dão vantagem a China e Índia que mostram um progresso gradativo e constante no setor fruto de políticas governamentais que incentivam a exportação. No Brasil, observa-se a ausência de políticas de incentivos governamentais ao setor.

Também se entende que os pilares globais de requerimentos básicos para a economia são os mais influentes no setor têxtil, que não requer tantos volumes de investimento em pesquisa e desenvolvimento como outros setores industriais/econômicos, além de não demandar a mão de obra relativamente barata no mercado. Fatores estes, no qual a China e a Índia tem vantagem comparativa.

Portanto, acredita-se que as deficiências macroeconômicas brasileiras interferem na competitividade internacional do país no setor têxtil, fundamentando o desempenho das indústria de Brasil, China e Índia no IVCRS pelos 12 pilares da competitividade. O pouco desenvolvimento macroeconômico do país se torna uma barreira a mais para a competição da indústria brasileira frente a indústria chinesa e indiana, até mesmo na competição pelo mercado interno. Estas duas se mostram em melhores condições de oferecer produtos de qualidade a um preço mais competitivo.

O Brasil mostra uma necessidade de se estabelecer no mercado a nível macroeconômico, subsidiando as empresas do país a competirem no comércio internacional, e estabelecendo uma estratégia consistente de competição econômica do país. É importante para o avanço brasileiro definir um perfil econômico para país mundo afora a partir do comércio de produtos de maior valor agregado ao invés de commodities.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da questão norteadora do trabalho acerca de quais fatores macroeconômicos influenciavam a competitividade da indústria têxtil e vestuário brasileira, chegou-se à conclusão que são requerimentos básicos da economia: Infraestrutura, Instituições, Estabilidade Macroeconômica e Saúde e Educação Primária. Sendo assim, a competitividade T&V brasileira é afetada em termos de infraestrutura, onde há grandes custos gerados pela ineficiência de transportes em um país de tamanho continental. Em instituições, o Brasil não apresenta políticas econômicas nem incentivos governamentais que fortaleçam o setor, diferente dos outros de China e Índia. Também não consegue concorrer com a eficiência de mercado de trabalho destes dois países que se apresentam em melhores condições de mão-de-obra.

Os objetivos específicos que eram identificar as competitividades de Brasil, China e Índia no setor têxtil e no ambiente macroeconômico, foram alcançados assim como as hipóteses foram confirmadas. Identificou-se através do IVCRS que, diferente de China e Índia, o Brasil não é competitivo na indústria de têxtil e vestuário no comércio internacional e nem competitivo nos aspectos macroeconômicos da economia. A partir da observação destes resultados, pôde-se inferir os principais aspectos macroeconômicos que têm influência na indústria T&V.

A contribuição do presente trabalho é de ampliar a discussão da competitividade internacional do setor têxtil brasileiro aos aspectos da nossa macroeconomia utilizando como base comparativa dois países com indústrias líderes no setor. Desta forma, possibilita-se uma melhor compreensão da condição da indústria brasileira, um entendimento mais amplo das causas e aponta-se um caminho para um reposicionamento estratégico setorial no país.

O trabalho tem como limitações a indisponibilidade de dados mais específicos relativos as economias locais de China e Índia a possibilidade de um *benchmarking* mais profundo entre os países e não discussão de políticas governamentais que visem fomentar o comércio no setor, assim como políticas monetárias econômicas que tem grande influência no fator exportação. Portanto, sugere-se trabalhos futuros que desenvolvam a discussão da influência do aspecto governamental no desenvolvimento industrial têxtil brasileiro através do estabelecimento de uma estratégia competitiva nacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA TÊXTIL E CONFECÇÃO. **Indústria Têxtil e de Confecção Brasileira: Cenários, Desafios, Perspectivas, Demandas.** Brasília, jun. 2013. Disponível em: <http://www.abit.org.br/conteudo/links/publicacoes/cartilha_rtcc.pdf>. Acesso em: junho, 2015.
- AMADOR, J.; CABRAL, S.; MARIA, J. R. Estruturas de exportação relativas e especialização vertical: um índice simples de comparação dos países. **Banco de Portugal**, v. 12, n. 4, p. 51-71, 2006.
- ANATOLIEVNA, M. S.; NIKOLAEVICH, G. I.; ANATOLIEVNA, G. E. Ways to enhance the competitiveness of Russian in an unstable world economy. **Asian Social Science**, v. 10, n. 24, 2014.
- ANTERO, S. A. Articulação de políticas públicas a partir dos fóruns de competitividade setoriais: a experiência recente da cadeia produtiva têxtil e de confecções. **Revista de Administração Pública – RAP**, Rio de Janeiro, 40(1), p. 57-80, 2006.
- AZEVEDO, A. F. Z.; PORTUGAL, M. S. **Abertura Comercial Brasileira e Instabilidade da Demanda de Importações.** Programa de Pós-Graduação em Economia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1997. Disponível em: <http://www8.ufrgs.br/ppge/pcientifica/1997_05.pdf> Acesso em junho, 2015.
- AZEVEDO, L. A. F. **Os determinantes da balança comercial brasileira: uma análise do comércio exterior a partir da implantação do Plano Real.** Monografia (Graduação em Ciências Econômicas) – FEAAC/UFC: Fortaleza, 2007.
- BENDER, S.; LI, K.W. **The Changing Trade and Revealed Comparative Advantages of Asian and Latin American Manufacture Exports.** Yale university: Economic Growth Center, n. 843, New Haven, 2002.
- BOWEN, H. P.; MOESEN, W. Composite competitiveness indicators with endogenous versus predetermined weights: An application to the World Economic Forum's global competitiveness index. **Competitiveness Review: An International Business Journal**, v. 21, n.2, p. 129-151, 2011.
- BRUNO, F. D. S. **Do mercado interno à Globalização: Governo, Instituições e Empresários planejando o futuro do setor.** p. 247-315. Rio de Janeiro, 2007.

CAMPOS, S. H. Acordo Multifibras e as exportações brasileiras de têxteis e de vestuário. **Revista Eletrônica FEE**, Rio Grande do Sul, v. 21, n. 3, p. 194-209, 1993.

CORONEL, D. A.; DESSIMON, J. A. **Vantagens Comparativas Reveladas e orientação regional da soja brasileira em relação à China**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2006.

COSTA, A. C. R.; ROCHA, E. R. P. Panorama da cadeia têxtil e de confecções e a questão da inovação. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 159-202, mar. 2009.

GEREFFI, G. **New offshoring of jobs and global development**. ILO Social Policy Lecture. Jamaica, 2005.

GORINI, A. P. F. Panorama do setor têxtil no brasil e no mundo: reestruturação e perspectivas. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 12, p. 17-50, set. 2000.

HANOUIZ, M. D.; KERIMI, D.; KINNOCK, S. How Central Asian Economies Reform: Results from the Global Competitiveness Index. **Competitiveness and Private Sector Development: Central Asia 2011 – Competitiveness Outlook**. OECD, 2011. Disponível em; <<http://dx.doi.org/10.1787/9789264097285-en>>. Acesso em: junho, 2015.

KARAALP, H. S. Effects of the Customs Union on Comparative Advantage of Turkish Manufacturing Industry. **International Journal of Contemporary Economics and Administrative Science**, v. 2, n. 2, p. 117-129, 2012.

LAURSEN, K. Revealed Comparative Advantage and Alternatives as Measures of International Specialisation. **Danish Research Unit for Industrial Dynamics**. Copenhagen, 1998.

LEAMER, E. E.; STERN, R. M. Quantitative International Economics. **Aldine Publications**. Chicaco , p. 209, 1970.

MA, A. S. Revealed Comparative Advantage Measure: ASEAN-China Trade Flows. **Journal of Economics and Sustainable Development**, v. 4, n. 7, 2013.

MENDONÇA, D. D. P.; SALGUEIRO, A. D. S.; GOMES, R. O efeito do fim do Acordo sobre Têxteis e Vestuários para a indústria brasileira: uma análise a partir da fronteira de produção estocástica*. **Revista Brasileira de Inovação**, Campinas (SP), 12 (2), p. 283-310, jul./dez. 2013.

MOREIRA, A. P.; FANGUEIRO, R.; LEAL, N. S. Estratégias de comunicação de produtores de fibras funcionais para artigos têxteis: a corrente de comunicação como estratégia para incentivar novos produtos e ideias na cadeia têxtil. **Revista Eletrônica de Estratégia e Negócios**, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 67-87, jan./abr. 2012.

OLIVEIRA, M. H.; MEDEIROS, L. A. Investimentos necessários para a modernização do setor têxtil. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 73-93, mar. 1996.

PEREIRA, C. E. C.; SARTURI, G.; BOAVENTURA, J. M. G.; POLO, E. F. Desenvolvimento de métricas para a avaliação da competitividade de clusters: uma aplicação empírica no setor têxtil. **Gestão & Regionalidade**, São Paulo, v. 30, n. 90, set./dez. 2014.

PORTER, M. E. **A vantagem competitiva das nações**. Tradução Waltensir Dutra. – Rio de Janeiro: Campus, 1993.

RÊGO, E. C. L. Do GATT à OMC: O que mudou, como funciona e para onde caminha o Sistema Multilateral do Comércio. **Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES)**, Rio de Janeiro, 1996.

SCHWAB, K.; PORTER, M. E. The Global Competitiveness Report 2008-2009. **World Economic Forum**. Geneva, 2008.

SCHWAB, Klaus. The Global Competitiveness Report 2012-2013. Genebra, Suíça: **World Economic Forum**, 2012.

TIME SERIES – Banco de dados pesquisáveis para o comércio internacional de mercadorias e serviços comerciais. Site mantido pela OMC - **Organização Mundial do Comércio**. Disponível em: <<http://stat.wto.org/StatisticalProgram/WSDBStatProgramHome.aspx?Language=E>>. Acesso em: maio, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza, 2013.

VASCONCELOS, F. C.; CYRINO, A. B. Vantagem competitiva: os modelos teóricos atuais e a convergência entre estratégia e teoria organizacional. **Revista de Administração de Empresas – RAE**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 3-4, out./dez. 2000.

ZOELLICK, R. B. Textiles and Apparel: Assessment of the Competitiveness of Certain Foreign Suppliers to the U.S. Market. **United States International Trade Commission**. Publication 3671, v. 1, n. 332-448. Washington, 2004.